

HISTÓRIA DE VIDA DE UMA OPERÁRIA DA INDÚSTRIA CORTICEIRA

**CONSTRUÇÃO DAS
IDENTIDADES FEMININAS
ATRAVÉS DE DIFERENTES
PROCESSOS EDUCATIVOS**

Este trabalho foi apresentado no âmbito do prémio "Mulher Investigação 1990" promovido pelas Organizações Não Governamentais do Conselho Consultivo da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres e cuja publicação foi considerada de interesse pelo júri.

Edição financiada pela Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres

Todos os textos desta publicação podem ser reproduzidos em parte ou no seu todo com citação da fonte.

Os textos incluídos exprimem unicamente a opinião dos respectivos autores.

Organizações Não Governamentais
Do Conselho Consultivo da Comissão
Para a Igualdade e Para os Direitos das Mulheres

História de Vida de uma Operária da Indústria Corticeira

Construção das
Identidades Femininas
Através de Diferentes
Processos Educativos

trabalho realizado por:
Maria José de Sousa Magalhães
Maria Laura Pereira da Fonseca
Olga Guedes de Oliveira

Execução Gráfica:

GRAFIS, Coop. de Artes Gráficas, CRL
Cç. dos Barbadinhos, 114-A
1100 Lisboa Tel. 814 00 11

Tiragem: 2.500 Exemplares

Depósito Legal: 49357/91

Agradecemos, de uma forma especial, o incentivo e apoio de Helena ARAÚJO e Stephen STOER na realização deste trabalho. E ainda a colaboração de Carlinda Leite, Manuel Matos e Natércia Pacheco. Um obrigado para Luiza Cortesão por ter sido a nossa mensageira.

ÍNDICE

Maria, uma História de vida	9
I Introdução?	39
II Definição da problemática	41
III Metodologia	45
Porquê Maria?	46
Diário de bordo	46
IV Análise da História de vida	49
1. A ESCOLA ou O Saco Castanho da Professora	49
2. A FAMÍLIA ou A Gente Vivia Aquilo Tudo	58
3. O LOCAL DE TRABALHO ou Viradas para a Parede	65
4. OS PARES ou Espaço para Conversar	72
5. GRUPOS DE MULHERES	76
V Conclusões	85
VI Bibliografia	87

MARIA
UMA HISTÓRIA DE VIDA

I. O SACO CASTANHO E PESADO DA PROFESSORA

NÃO ERA AQUILO QUE EU ESPERAVA DA ESCOLA

Só fiz a escola primária. Nessa altura só era a escola primária. Para mim foi uma fase muito marcante. Foi um tempo que não me ajudou em nada, pelo contrário!

Já antes de ir para a escola, os pais e os vizinhos costumavam dizer:

— Ah! Quando tu fores para a escola, vais apanhar.

Mas eu esperava que a escola fosse diferente!

Entrei para a 1.ª classe e com o tempo comecei logo a sentir-me mal. A professora era muito má, credo! Fazia coisas que marcavam mesmo as crianças.

Aquela professora levou-me da 1.ª à 4.ª classe. Eu tinha muito medo dela. Batia que era demais. Muitas vezes fiz xixi na escola. A gente pedia para ir lá fora e ela não deixava. Outras vezes começava a berrar. Quando ela começava a arregalar aqueles olhos e a berrar a gente fazia logo xixi pelas pernas abaixo.

O que ela dizia e falava a gente tinha que o fazer, não podia reclamar.

Eu era uma pessoa muito tímida, porque os meus pais tinham bastantes filhos e nessa altura eramos bastante pobres. Andavam a fazer a casa. Nós eramos umas crianças muito tímidas, muito humildes. E por isso é que eu digo que as crianças quanto mais pobres mais humildes são, embora sejam rebeldes...

AS BANANINHAS...

Como eu sou quase das mais velhas vinha para casa e, é claro, tinha o trabalho em casa para fazer. E estudava pouco. Chegava à escola e não sabia a tabuada. As outras colegas iam brincar e eu ficava de joelhos virada para a parede a estudar a tabuada. Já nessa altura!

Então, as outras professoras vinham para a sala lanchar... bananinhas! Aqueles olhos arrasados de água e estava ali e não via letra nenhuma. Ficava assim...

Aquilo para mim marcou-me. Sentia-me desprezada e quando vinham as outras colegas dela, aí é que me irritava mais.

As colegas dela diziam:

— Então, colega, aquela miúda está ali, não vai ao recreio?

— Está ali de castigo.

— Mas porquê? Então que é que se passou?

— Ela não sabe. Ela não estuda. Ela fica ali de castigo.

E fiquei muitas vezes assim. Tinha vezes que estava semanas assim.

Uma vez uma das outras professoras meteu-se comigo e ela ficou chateada e disse:

— Não tens nada que falar com ela porque está ali de castigo. A ordem que eu dei é para se cumprir.

— Deixa-a ir. Deixa-a ir para o recreio. Tens castigado tanto esta miúda!

— Não senhora!

A professora, coitadinha, nunca mais me disse nada.

Quando ensinava qualquer coisa, ela exigia que as crianças soubessem logo na altura. Muitas também não sabiam. Não era só eu.

A minha classe era só de raparigas. Ela agarrava as crianças que tinham o cabelo comprido e puxava-as até ao quadro que estava no meio da sala. Agarrava e puxava assim pelo cabelo, corria com as crianças de lado para lado a puxar pelo cabelo. Eu nunca apanhei assim, mas muitas colegas minhas apanharam. Parece que ainda a estou a ver. Levantava as saias e dava com a régua no rabo. Elas ficavam com aquelas pernas todas pisadas.

EU, NESSA ALTURA, USAVA BRINCOS

Uma vez pisou-me a face da cara e uma orelha. Amassou-me o brinco todo e a orelha começou a infeccionar. Tinha os dedos marcados na cara. Estava toda preta e a orelha também. Então, a minha mãe levou-me ao ourives para me tirar os brincos. E ele disse assim:

— Que é que a senhora fez à sua filha?

— Isso aqui foi na escola.

— Vá para a frente que eu vou de sua testemunha. Vá para a frente.

Corra com o processo e expulsem-na daí. Que isto não se faz às crianças.

A minha mãe não fez nada. Nessa altura as mães eram assim:

— Minha senhora, se ela não souber, atire-lhe para baixo.

Então elas tinham a autoridade dos pais e ainda muito mais castigavam as crianças.

Nesse dia que ela me bateu, eu fugi da escola. Fugi e não queria ir mais para a escola. A minha mãe dizia:

— Anda para a escola!

E, como estava assim, as minhas vizinhas, à volta da minha mãe, diziam:

— Oh! Deixe-a ficar, não a mande hoje para a escola.

Mas os nossos pais obrigavam-nos a ir à escola. Batiam-nos quando a gente não queria ir.

EI, O QUE ELA NOS BATEU!

Esta também é uma história que me está muito marcada.

Tinham acabado as nossas aulas e vai assim uma colega para mim:

— Ó Maria, queres ir ali comigo a casa da minha tia?

A minha mãe tinha-me dito para ir lá buscar couves. Era ali à beira. Eu disse:

— Vou.

E fomos. À vinda para cima, a professora veio à janela e viu-nos. Viu-nos e chamou por nós. Porque ela todos os dias nos obrigava a trazer a saca dela. O saco dela era assim um saco comprido, castanho e muito pesado. Ela não o queria levar da escola à camioneta. Por exemplo, as crianças iam vindo para cima e iam trazendo o saco. Eu trazia-o até aqui a minha casa, mas daqui já o passava a outra colega. E ela nunca levava o saco.

Nesse dia chamou por nós. Cheias de medo, fugimos. Viemos embora todo o caminho a correr. No outro dia deu-nos uma tarefa. Ei! o que ela nos bateu. As nossas mãos ficaram todas vermelhas. Só por isso.

— Vocês têm que aprender que quando eu falar é para se obedecer. Chamei ou não chamei por vocês? Porque é que vocês não apareceram?

E nós, nem uma nem duas.

Eu tinha uma letra muito escangalhada. Ainda hoje tenho. E, quando ela faltava, era outra professora que ficava connosco. Eu gostava muito dessa professora. Essa quase nunca encontrava erros na minha letra, e ela encontrava-me sempre erros. Até que um dia ela fez um ditado em que me encontrou 32 erros. Pois esses 32 erros foram batidos nesta mão. Ficou a mão toda negra! Era assim...

O GUARDA CHUVA DE CHOCOLATE

Vou contar o que mais me marcou na escola. Ela todos os dias vinha pelo caminho acima a perguntar a tabuada. Um dia disse:

— Vou fazer-vos uma proposta. Tendes que saber as tabuadas todas. Quem souber, eu trago um prémio.

Conclusão: o prémio que ela trazia era um guarda chuva destes de chocolate. Nunca mais me esqueceu disso. Então, eu sabia a tabuada toda. Só que eramos duas e ela dizia-me assim: "7x5?" e nós tínhamos que saber responder logo, não se podia pensar. Senão, perguntava logo à outra. E

tudo o que ela foi perguntando eu fui respondendo. E ela perguntou: "9x8?"

E eu estava assim parada a pensar quanto era 9x8 e não respondi tão rápido. E ela passou logo à outra... acertou nessa. Prontos, ganhou ela o prêmio. Ai, eu chorei tanto nesse dia, porque fiquei sentida. Era uma coisa que eu nunca tinha comido. E então estudei assim com aquele entusiasmo de ganhar. De vez em quando ela levava chocolates e rebuçados. Eu nunca comi nada do que ela levava. Era para quem ela simpaticava. E eu a estudar assim, a fazer aquele esforço para ganhar. No entanto, fiquei sem o guarda chuva... depois de ter respondido a tudo só menos a uma. Eu sabia, porque eu sabia. *Lembro-me perfeitamente.*

Os pais da outra podiam muito mais e além disso a mãe ia lá entregar coisinhas, estava lá sempre com presentes. E isso parece que não, comprava. Essa minha colega, que ganhou o chocolate, seguiu os estudos. Só me lembro dessa que continuou a estudar. Ela era uma burra mas a professora tolerava-lhe tudo.

Para além do trabalho na escola, a minha professora marcava os deveres. Mais nada. De vez em quando aparecia lá o padre para a confessar. Ele acabava de a confessar e nós dizíamos assim:

— Estás a ver, ainda agora se confessou e já está a ralhar connosco.

E nós ficávamos muito desanimadas.

Acabava a escola e corriamos logo para casa. Toda a gente fugia porque ninguém queria trazer o saco dela... e perguntava a tabuada, isto e aquilo... Se ela visse alguém ao longe, chamava. E nós, toca a fugir. E nós, toca a apanhar por ter chamado e ninguém obedecer.

A escola só me serviu para aprender a ler e a escrever. Não aprendi mais nada. Só aprendi a ser agressiva e a ter medo.

COMO EU ME ENTUSIASMEI TANTO!

Quando repeti a 4.^a classe tive uma professora do Porto. Era tão boa professora! Como eu, nesse ano, me entusiasmei tanto pela escola! E não aceitava nada dos pais. Lembro-me do nome dela, tão bem! Chamava-se Maria José.

Esta professora devia ser talvez da mesma idade da outra. Só que era mais alta, mais magra, com outro estilo de pensar e mesmo de vida. Encarregava-me de orientar os mais novos, da 2.^a classe quando estava ocupada com os da 4.^a.

Quando começaram as aulas com esta professora, mandou chamar a minha mãe. Então, quando a minha mãe chegou à escola, a professora perguntou:

— Porque é que a sua filha não passou? Isto foi um crime que lhe fizeram.

A minha mãe conta assim esta história. E conta que a professora queria que me deixassem estudar, que me deixassem fazer o 5.^o ou o 6.^o ano, que nessa altura não era obrigatório. Só fazia quem quisesse. E a minha mãe falou assim:

— Não. Eu preciso dela em casa. Faz-me muito jeito porque eu tenho muitos filhos e são todos muitos chegadinhos uns aos outros e ela faz-me muito jeitinho em casa.

Os nossos pais diziam-nos:

— Se vós ficardes sem saber ler e escrever, depois um dia dais o valor. Nessa altura os nossos pais eram todos analfabetos. E eles sentiam essa necessidade de obrigar os filhos...

A MORTE DA PROFESSORA MÁ

Aquela professora, quando saiu daqui, foi para Pé de Moure, ali para o lado da serra. Foi para lá dar aulas. Fazia lá a mesma coisa que fazia aqui. Só que os pais lá impuseram-se. Eu sei porque uma colega que trabalha comigo, andou nessa escola. Ela conta que os pais lá impuseram-se e ela foi expulsa. Fizeram eles muito bem.

Mais tarde, a minha mãe disse-me assim:

— Olha, sabes quem morreu? Foi aquela professora D. Cremilde. Morreu de desastre.

— Ai morreu? Olha que bom! Ai que alegria! Graças a Deus!

A minha mãe disse:

— Ó rapariga, tu és tola!

— Ah! ah! Ai sou tola?!

Foi mesmo assim: graças a Deus! ao menos não faz sofrer mais ninguém. Tal qual como eu disse.

II. A GENTE VIVIA AQUILO TUDO

Eu lembro-me de quando tinha 9 anos já cozinhava para todos. A minha mãe saía e marcava-nos tarefas. Quando chegasse, queria aquilo tudo pronto. Se não estivesse, havia pancada.

Eu lembro-me da última malha que a minha mãe me deu. Tinha 13 anos e nessa altura, de vez em quando, distraía-me com a brincadeira. É normal. Uma vez ela saiu e quando chegou a casa era quase meio-dia. Eu ainda não tinha feito o que ela tinha marcado.

— O teu pai e os teus irmãos chegam para comer e tu ainda não tens a comida feita.

Agarrou num troço e toca a bater-me. Ainda hoje me lembro e nunca mais me esqueci que passou ali uma moça que andou comigo na escola. Ela bateu-me e eu fiquei injuriada porque tinha 13 anos! Fiquei tão sentida com a minha mãe nessa altura! Foi a última vez que ela me bateu. Até aí apanhava sempre. Do meu pai só me lembro de apanhar uma vez, mas a gente tinha muito mais medo dele do que da minha mãe.

O meu pai trabalha na construção civil. Ele era assim um bocado rude, mas gostava dos filhos à maneira dele. Batia muito na minha mãe. A minha mãe de bebé e ele até os pés lhe calcava. E a gente vivia aquilo tudo. Agora está um bocado mudado.

Quando foi a greve geral dos corticeiros, diziam as minhas vizinhas quando me viram:

— Ei, a filha do António ía na frente! E porque ela não pode, mas para isso já pode.

E a minha mãe a ouvir aquilo ficava assim um bocado papoila. O meu pai também me viu do café. No dia seguinte disse:

— Tu ontem parece que estavas em Fátima!

— Aquilo era mais importante do que Fátima!

— Se calhar para Fátima não ias com tanta devoção!

Vai logo seguir a minha mãe, muito de repente:

— Ai, eu é que não soube, senão também ía. Quando vos vi passar fiquei toda a tremer, mas gostava de lá ir!...

E o meu pai:

— Estás com pena? Olha que ainda estás a tempo.

Ele é assim!

A minha mãe agora olha de maneira diferente. Todos os filhos começa-

ram assim nessa linha. A minha mãe custou-lhe a aceitar. Já é uma pessoa mais velha, cansada da vida. Também levou uma vida bastante amargurada. Ela entendia-nos, só que não queria problemas. Dizia:

— Eu sei que tudo isso é preciso, mas não é preciso vocês trazerem problemas...

Mas a gente dizia:

— Mas para tudo é preciso fazer problema. Porque, se a gente quer uma coisa, mesmo que traga problemas, a gente tem que os aceitar, ou então não mete pés a caminho.

Quando nós fomos a tribunal, a minha mãe ficava bastante contente com o resultado. O meu pai também ficava, mas na nossa frente não dava a cara. É muito mais aberta a minha mãe, foi sempre uma pessoa mais compreensiva. Mas ela tem sofrido muito com tudo isto. As amigas deixaram de falar com ela, tinham sempre que fazer. Então, ela dizia-nos:

— Ninguém liga, toda a gente vos chama nomes, e até já dizem que aqui é a sede do comunismo.

— Ó mãe, deixe dizer. Elas não falam hoje? Amanhã já falam!

E ela foi-se mentalizando com isso. Nessa altura a minha mãe era muito retraída mas agora podemos falar de coisas com ela que noutra altura não falávamos. Os pais tiveram a educação que lhes deram, também não são obrigados a dar aquilo que não têm.

OS MAIS VELHOS SÃO SEMPRE OS MAIS SACRIFICADOS

Eramos muitos filhos. 13. Agora somos 11. Eu era das chegadas aos mais velhos e tinha que ajudar em casa. Portanto era eu que fazia tudo. Não tinha grande tempo para brincar.

A minha mãe deixou de trabalhar quando eu nasci. Tinha bastante trabalho só para ela. Nós somos muito chegados uns aos outros e alguns dos filhos eram muito doentes.

Quando eu fui para a fábrica, a minha irmã a seguir a mim ficou no meu lugar. Mas eu nunca gostei de fazer horas extras. A minha irmã mais velha fazia — há que aproveitar, porque esse dinheiro fazia jeito em casa — e eu vinha para casa esfregar a cozinha, lavar a roupa, passar a ferro. Nessa altura trabalhava-se ao Sábado até ao meio dia. À tarde a gente fazia as coisas para a minha mãe ficar um pouco mais livre, ao menos ao Sábado e ao Domingo. Ainda agora é assim. Já somos casadas mas ajudamos um pouco para ela ficar mais aliviada.

O trabalho doméstico é sobretudo para a mulher, os homens não faziam nada daquilo. Antigamente, se a minha mãe dizia a um dos meus irmãos

para fazer qualquer coisa, o meu pai vinha logo por eles. Eles nunca fizeram nada.

Quando saí da escola fui aprender costura para casa de uma modista. Era uma coisa que eu gostava muito se me dessem a escolher... mas não me deram a escolher. Aos mais velhos não davam a escolher. Trabalhei um ano na costura, depois a minha mãe meteu-me a trabalhar. Entrei para a fábrica com 13 anos.

Ao Domingo, o meu pai saía mas a minha mãe e nós ficávamos sempre em casa. Um Domingo fomos dormir. Então, eu pus-me a brincar com a minha mãe. Foi uma coisa assim muito boa! A minha mãe ria-se. Ficou marcado! Gostava que isso tivesse acontecido mais vezes. É a única coisa boa que me lembro.

A MINHA ADOLESCÊNCIA FOI VIVIDA EM CASA

Quando me veio a menstruação, a minha mãe já me tinha falado qualquer coisa sobre isso. Mas as nossas mães não eram tão abertas como hoje. Ela chamava-me e dizia:

— Olha, vou dizer-te uma coisa: tu sabes que quando tal vais ser mulher. Já tens lavado a nossa roupa, sabes muito bem como é. Vais ter que ter muito cuidado na fábrica por causa dos homens e vais ter de esconder dos teus irmãos quando te vier a “tenda”. — ela não dizia menstruação, dizia “tenda”.

Nós, na fábrica, já comentávamos umas com as outras sobre estas coisas.

Uma coisa que me marcou assim um bocadito foi que, quando comecei a ser menstruada, eu era alta e magra e engordei que parecia uma bola... toda a gente dizia:

— Ai, que pernas! Parecem pinheiros!

Eu ficava chateada mas depois ultrapassei isso.

A minha adolescência foi vivida em casa. Para aí aos 18 anos, já era jovem, comecei a sair com a minha irmã mais velha e com as colegas dela, porque eu era assim muito fechada. Iamos assim até ao café, até aqui, até ali... os rapazes podiam sair a qualquer hora, mas as raparigas não. Às tantas horas tínhamos que estar em casa. Tinha para aí 19 anos quando conheci o primeiro rapaz. Mas até só saí dois Domingos com ele. E foi entretanto que conheci o meu homem... eu namorava e o meu pai, se eu chegasse e estivesse assim já um bocadito escuro, ele começava logo a ralar.

ACEITAR NÃO ACEITA, MAS VAI-SE DEIXANDO LEVAR

O meu homem é de outra freguesia que não está tão evoluída como aqui. Ainda era daquele estilo antigo: vivia mesmo só para trabalhar, não fazia greve, trabalhava horas extras. Até estranhou um bocado. No princípio teve algumas dificuldades porque não estava habituado.

Eu tenho uma relação muito boa com ele. Mas toda a gente tem problemas e os meus são derivados de eu sair de casa, porque as minhas actividades são todas à noite. Ele começa a dizer:

— Fica aqui o maricas a olhar pelo filho e tu lá vais... e depois as pessoas sabem e ainda começam a chamar nomes.

E realmente é verdade mas eu vou sempre a dizer que é mentira. Ele fica com o filho e fora disso, cama. Para mim isso só não chega. Se vivesse assim estava morta. Quando o Pedro era mais pequeno, às vezes estava bastante sujo e o meu homem dizia:

— Olha que eu não fico com ele, leva-o tu se quiseres!

Porque ele pensava que, ao dizer isso, eu ficava em casa. Eu embrulhava-o e lá vinha. Mas, quando me via assim, vinha-mo logo tirar.

Ele aceitar não aceita mas vai-se deixando levar. Até já estive presente numa manifestação-concentração vigília. Na última greve ele lá foi para os piquetes. Ele está assim a entrar na actividade sindical, parece que vai indo. Eu, por mim não fico em casa, Deus me livre! Mas nos piquetes de greve antes quis que ele fosse porque ele não tem nada e estava bastante motivado. Nesse dia, oh! aquilo encheu!

Muitas vezes a nossa vida é uma máquina. Começa logo de manhã até à noite, mas é preciso... Uma pessoa levanta-se a correr e deita-se a correr. Mas eu tenho o Quim, o meu homem, que me ajuda bastante no trabalho de casa, senão como é que eu podia?

O comer para o meio dia já é ele que o faz, logo de manhã. Também é para ele, não é para mim, não é? Ele prepara o leite para eu dar ao bebé e eu trato dele. Ao meio dia lavo a roupa para à noite ficar com mais tempo livre para o meu filho — a família também merece tempo. Depois, às 6h, chegamos os dois a casa, está o trabalho repartido entre os dois.

Aqui já há homens que ajudam mas há outros que são umas bestas, como assim se pode dizer.

Na fábrica muitas vezes comento com as minhas colegas:

— Ai, o meu homem ajuda-me muito.

Mas elas não accitam ideias de que o homem deve trabalhar em casa, para elas é uma baixeza:

— Ai, é um maricas.

ESTÁS SATISFEITO? AGORA SAI.

Nós falamos muito umas com as outras, e eu às vezes fico triste com algumas quando dizem:

— O meu homem quando quer ter relações sexuais vem e quando está satisfeito abandona logo. E isso para mim é um frete.

Uma outra dizia:

— Quando chega a noite fico logo triste, porque o meu homem quer ter relações quase todos os dias.

E isso, realmente! A gente ou faz isso como um acto de prazer ou então é um sacrifício.

Quando estavamos viradas para a parede tínhamos mais espaço para conversar, era mais fácil porque nos deixavam praticamente abandonadas. E então, nós contávamos:

— Olha, o meu homem não é assim. Temos relações quando um e outro está com disposição de fazer o acto. Depois, se ele vem primeiro que eu, faz os possíveis para que eu também sinta o prazer. Antes estamos assim na brincadeira, a falar um pouco de amor, e ao fim ele pergunta-me se eu estou satisfeita.

E elas:

— O meu homem nunca me perguntou nada.

Eu acho que a maior parte dos problemas do casal é a falta de amor que existe. Uma que até é mais velha do que eu, dizia assim:

— Porque é que você não fala assim com ele, não experimenta mais do que uma maneira. Porque não é só na cama ou só da mesma maneira. Há muitas maneiras e até é bom uma pessoa variar.

E outra:

— Ele, às vezes faz desta maneira, daquela, mas eu já estou tão saturada que digo assim: “estás satisfeito? Agora sai.”

Disse-me que desde que se casara não tinha sentido prazer uma vez.

Uma outra colega minha que passa por aqui às vezes, costuma dizer:

— Não sei como é que as mulheres aguentam as relações sexuais assim.

Esta mulher também não tem logo relação com o marido: primeiro há um espaço, começam a conversar, depois há o carinho...

Eu acho que o que elas procuram no casamento é um companheiro. Algumas desejam ter filhos. Há mulheres que dizem mesmo que queriam ter um homem só para ter um filho. Tenho uma colega que, depois de ter a filha nunca mais quis ter relações com o homem. Ela própria mandava o marido à prostituição. Foi ao psiquiatra e ele ralhou bastante com ela:

— Se a senhora sabia fazer amor antes de ter o filho, também sabe agora porque não se esquece assim.

Mas aquilo ficou-lhe assim na cabeça e o homem nem sequer lhe podia tocar. Doia-lhe a vagina.

Eles chegam a casa, vestem-se e piram-se para o café, enquanto que a mulher está no duro em casa e quando se vai deitar elas já não tem disposição para nada. Vem ele e diz:

— Tu dantes não eras assim!?

Não era assim porque tinha menos trabalho e menos filhos. Agora o trabalho dos filhos e o trabalho da fábrica cada vez são mais pesados. Eles não compreendem.

É SEMPRE O HOMEM QUE ABANDONA A CASA

Por aqui já vai havendo cada vez mais divórcios. Eu não tinha grande consciência do que é tratar de um divórcio. Só depois dos encontros que fizemos é que eu ganhei mais um pouco de experiência. Nos casais é sempre o homem que abandona a casa. Não pedem o divórcio mas ao fim de cinco anos são obrigados à separação. Ainda há pouco tempo fui a um julgamento de divórcio de uma colega. Eu conhecia-a a ela e ao rapaz. Ele saiu de casa e levou os dois filhos com ele. Está com outra mulher e esta gosta muito das crianças. A minha colega passou uma fase em que dizia que se matava se não ficasse com os filhos. Mas foi o homem que ganhou porque podia sustentá-los melhor. Ele é patrão enquanto que ela é corticeira. Ela vai lá de vez em quando ver os filhos. Parece um cão à volta do portão, para ver os filhos. Estes, agora, parece que dizem que já não querem voltar para ela.

Também tenho um irmão separado da mulher. Ela é de perto de Espinho. Naquela zona é muito usual as mulheres não trabalharem. O meu irmão chegou a dizer-lhe que tinha de trabalhar. O custo de vida está caro. Ela não estava habituada a trabalhar mas começou a trabalhar. Depois chegava a casa e já não queria fazer nada. Queria que o meu irmão fizesse tudo. Não se entendiam lá muito bem e separaram-se. Viviam lá em casa dos pais dela. Tornaram-se a juntar, mas a mãe e o irmão puseram-nos fora. Prontos... como não tinham para onde ir, bateram aqui e ficaram no quarto do André, e então tanto eles como nós dormíamos com os filhos. Agora divorciaram-se. Ela foi para a Suiça e ele foi trabalhar para o Algarve.

NÃO ME FALEM EM CASA!

A gente ouve desabaços de mulheres: “eu, em casa, tenho que ser o homem e a mulher”. Com o meu homem tanto o conforto eu a ele como ele a mim. Mas eu acho que na maioria dos casos é sempre a mulher.

Há mulheres que sonham vir para casa... É claro, é só sonhar porque consoante está o custo de vida, o salário não dá.

A mulher trabalhando é muito mais livre, porque se tem o seu salário não

está só à espera do dinheiro do homem, nem o homem pode cantar de galo... O trabalho é dividido entre os dois. A mulher trabalha tanto como o homem.

CRESCER COM OS FILHOS

Agora nota-se que os pais estão mais responsáveis pela educação dos filhos, estão mais interessados em saber como é que os filhos vão na escola. Já comparecem nas reuniões, fazem mais sacrifícios para os filhos continuarem a estudar. Os pais parecem que já se estão a preocupar com a leitura. Agora também já há livros sobre a sexualidade para os adolescentes. Até tenho comprado para o meu irmão mais novo. A minha irmã tem comprado para a filha. Agora os filhos fazem muitas perguntas e os pais sentem essa necessidade.

O Pedro, já há dois anos, tinha 4 anos, estávamos à mesa a comer e começou ele assim:

— Quando for grande quero namorar.

Eu dei um grande riso e ele ficou zangado.

— Estás a rir?

— Estou.

— Tu também não namoraste com o pai?

— Namorei.

— Então, estás a rir porquê?

— Estou-me a rir porque tu, antes de namorar tens de aprender a ler e a escrever...

E houve uma fase que ele estava sempre a dizer:

— Quero ter um bebé.

Eu tive que lhe explicar porque é que não tinha mais filhos. Não lhe disse a verdade porque ele não compreendia. Disse-lhe assim:

— Olha a mãe não pode ter mais filhos porque está doente da barriga.

— E eu estive na barriga?

— Tu estiveste na barriga da mãe.

— E como é que eu nasci? E então andava na tua barriga?

Eu brincava muito com ele:

— Vês, tu já mamaste aqui.

E ele não se esquece dessas coisas.

III. VIRADAS PARA A PAREDE

Sou corticeira, sou escolhedora, mas estou fora da minha secção desde que comecei a exigir umas certas coisas aqui, na fábrica, ao patrão.

Em Lourosa as raparigas vão para a arte da mãe e os rapazes vão para a arte do pai. Para aprender a escolha, a minha mãe pediu rolhas ao patrão e ensinou-me em casa, porque ela sabia. Também foi escolhedora. Aos 13 anos deixei a costura e fui para a fábrica. Nesta fábrica tinha lá colegas da minha idade, sentia-me lá bem. Trabalhei lá um ano. Passado um ano um patrão pequeno começou a chatear o meu pai e dizia-lhe:

— Podes mandar as tuas filhas para lá, porque elas despegam mais cedo. Quando eu for lá abaixo comprar cortiça, trago-te azeite e arroz mais barato. Trago para mim e também posso trazer para ti.

O meu pai foi iludido naquilo e quando chegou a casa disse:

— Vós tendes que ir para tal parte.

— Nós não vamos. Eu estou ali tão bem! Porque é que eu vou sair? Ai, não quero.

— Ides e ides mesmo, quem manda sou eu.

E nós, há que ir, mas só lá trabalhamos dois meses porque não nos adaptamos àquele clima. Nós vínhamos de uma empresa média e o trabalho de uma fábrica grande ou média é diferente de uma pequena. O meu trabalho é pôr a escolha limpa. Na empresa pequena a escolha é mais aproveitada para ver se rende mais. O superior já tem um bocadinho da primeira, o da primeira tem um bocadinho da segunda. Na fábrica pequena é assim. Estes patrões são explorados como nós pelos grandes. Os grandes apertam-lhes a corda e vendem ao preço que querem. Eu sentia-me muito, estava habituada a outra forma de escolher. Além disso eu não gostava deles, porque eles escondiam-se a espreitar-nos e não nos diziam nada e vinham fazer queixinhas. A minha mãe acreditava neles. Então eu dizia:

— Eu passei isso na escola e agora estou a passar no trabalho!

Parecia que o que a gente dizia não era verdade. Começamos as duas a chorar:

— Para lá não vamos mais. Nós queremos ir para outra parte.

Então a minha mãe arranjou para onde estamos agora. Eu gostei bastante. Eles também gostaram logo do nosso trabalho. Ainda é uma fábrica maior do que a primeira em que trabalhei. Agora, não gosto do clima, que há outros patrões e encarregados. Eles cada vez exploram mais o trabalhador. Mas, naquela altura, era bom trabalhar lá. Nós até brincávamos.

NOVES HORAS BEM CHATINHAS

Agora as pessoas estão cheias de trabalhar na cortiça, cheias de ouvir os patrões, cheias de ouvir os filhos... Eu, por exemplo, tenho-me visto à rasca da saúde, principalmente de Verão. Durante o ano, o mês que me custa mais trabalhar é o mês de Junho que é quando começa o primeiro calor. Ai, custa-me tanto trabalhar. Faço um sacrifício! A minha secção é só de máquinas, é muito quente. O telhado é uma parte de vidro e outra de fibra de cimento. Não tem luz nem nada. Quase todos os anos caio com o fanico.

Aquilo está muito difícil. Tem muito pó e muita poluição. Há secções onde há muitos produtos químicos. Este ano nós já pedimos uma inspecção de trabalho e uma comissão da Delegação de Saúde. Quando eles foram lá, viram muitas pessoas a comer nas secções ou no "refeitório" que fica por cima da colmatagem! Ui! Deita um cheiro! É que as rolhas muito fracas são tratadas com pó e cola. E a inspecção disse que eles tinham que fazer um refeitório novo. Os patrões já disseram que, quando estiver pronto, as pessoas têm que ir para lá comer. Até porque depois é um centro de convívio. Agora, estamos ali a comer, assim... Aquele pó, a cair... É uma alegria!

PORQUE EU NÃO SOU NENHUMA MÁQUINA, SOU HUMANA

As condições de trabalho cada vez são piores. Não há higiene nenhuma. Quando vamos tirar a apara, chegamos à noite, queremos dormir e não conseguimos com as dores nos olhos. Ficam assim todos vermelhos. Há uns óculos mas são os trabalhadores que têm que os comprar ou pedir emprestados às outras. E depois, ainda aquele latinido todo, ui!... Tem lá pessoas que já ouvem mal por causa disso. Afecta a cabeça.

Agora querem-nos exigir que a gente trabalhe com as duas mãos na máquina. Já nos vieram exigir. Mas eu já disse às minhas colegas e digo:

— Prefiro ir embora mas trabalhar com as duas mãos, não trabalho. Porque eu não sou nenhuma máquina, sou humana.

Mas algumas das minhas colegas começaram logo a fazer o que a filha do patrão disse. Um dia inteiro assim! E eu disse logo às minhas colegas:

— Vós é que sois culpadas dela abusar. Porque mal ela chega aqui, dá dois berros, vós ficais cagadas de medo, fazeis logo aquilo que ela manda.

E ela está habituada assim. Depois aquela meia dúzia que não faz aquilo que ela quer, leva no pêlo.

As pessoas despedem-se porque não aguentam, mesmo as que estão lá efectivas estão a sair. Vão para o calçado porque é menos barulho e menos pó. Eles empregam muita gente mas é tudo a contrato. E chega-se aos dois anos, dois anos e meio, mandam-nas embora. Na cortiça também é assim.

Eles vão para o calçado e depois vêm para a cortiça. Se tornarem a ficar desempregados tornam a ir bater ao calçado. Elas preferem sair a protestar. Elas dizem:

— Aqui já estou farta de aturar esta cabra, não vale a pena a gente estar a chatear-se com ela. O calçado é muito mais limpo.

Então eles metem outras pessoas a contrato. Se não lhes agradam, mandam-nas embora. Se começam a não gostar do ambiente dela... A filha do patrão anda que é demais... A gente está sentada e custa estar sempre na mesma posição. Uma colega minha pôs-se assim de lado. Nem estava sequer a olhar nem a falar, só a trabalhar. Só porque estava numa posição diferente, ela pôs-se aos berros lá do fundo, numas alturas!... Houve uma fase em que a filha do patrão seguia as moças que iam ao café para ver quem é que fumava. Então, algumas que fumavam, despediu-as sem acabar o contrato. As que fumam nem na sua hora podem fumar. Os homens podem fumar na casa de banho. E outra coisa: há 10 minutos para nós irmos à casa de banho e lanchar, enquanto que, para os homens não é assim. O patrão, aqui há tempos, fez uma reunião com os homens para lhes dizer que só dava 10 minutos para eles irem à casa de banho e que tinham de lanchar nessa altura. Eles não aceitaram porque assim podem ir à casa de banho quantas vezes quiserem.

As mulheres são muito mais vigiadas, muito mais castigadas. A situação é mais dura e se calhar até é por isso que as mulheres são mais activas. E mesmo são mais exploradas que os homens. Este ano estamos a lutar, a ver se conseguimos aproximar mais o salário da mulher com o do homem, porque cada vez há uma diferença maior. O nosso contrato salvaguarda, salário igual a trabalho igual. Por exemplo, na colmatagem e na lavagem há homens e mulheres. Aquelas mulheres tinham direito ao mesmo salário do homem e não ganham. Só que é preciso exigir. Elas têm medo da repressão. Mas há coisas que a gente não pode fazer pelas outras pessoas.

Só que os homens não são homens. Nós dizemos muitas vezes:

— Vós devíeis usar saias.

Os homens nunca fazem nada. Nunca fizeram greve, nunca estiveram solidários conosco... A nós é-nos exigido outras coisas que a eles não é. Por exemplo, a nós exigem-nos uma tabela e a eles não. O contrato é o mesmo mas os patrões agora estão a dar mais dinheiro aos homens. Estão-lhes a dar um prémio. Mas só dão aos homens, às mulheres não. Há mulheres que trabalham muito mais que os homens. Por exemplo, as mulheres "manobras" trabalham muito mais do que um broquista. Eu não sou manobra. Mas elas trabalham muito mais do que eu. Mas a gente vê, numa greve a maior parte são mulheres que estão cá fora.

E a vida das mulheres ainda é mais dura. Elas muitas vezes têm que faltar por causa dos filhos. Os filhos estão doentes, têm que ir as mulheres, os filhos vão à vacina, têm que ir as mulheres, a mulher está grávida, não pode

ir o homem. Eles agora estão a despedir as mulheres que têm contrato e andam grávidas. Agora quando alguma mulher vai pedir trabalho, ele pergunta:

— Vais casar? Andas grávida?

Se estiver casada ou andar grávida já não arranja trabalho. Todos os patrões estão a fazer assim. Os homens também trabalham na cortiça, mas têm outros empregos e além disso saem mais para outros lados enquanto que a mulher fica assim por aqui. Nestas fábricas há sempre mais mulheres do que homens.

Agora aqui há muitos trabalhadores das serras, de Pé Dorido, de Pé de Moure, daqueles lados de S. Domingos. Eles vêm e tornam a ir todos os dias. Já começam a trazer os filhos porque têm necessidade. E as crianças de lá não são como as daqui. As nossas aqui são mais fortes. São rapazes que não imitem ter mais de 10 anos e apanham bofetada do patrão!... pancada do patrão, porque eles não sabem a arte, não têm a arte. Não se pode exigir que eles aprendam a arte de um dia para o outro... E os patrões exigem que eles já saibam como os outros. Exigem que façam a tabela como os outros e se não fazem é logo à bofetada. E os homens não reagem. Aí é que nos mata.

Ainda noutro dia, um deles estava a meter um traço ao contrário e o patrão tirou-lhe o traço e espetou-lhe com ele e depois ainda foi à bofetada a ele. Outros dois apanharam porque estavam a conversar. A um deles o pai até morreu há pouco tempo. O patrão pegou assim nas duas cabeças, bateu uma na outra e ainda não estava satisfeito, foi-lhes à bofetada. Um deles tinha lá os tios e eles não reagiram. Estão submissos com o patrão.

FAZ-SE DE CONTA QUE FOI UMA ESCOLA PARA MIM

Quando entrei para a fábrica, eu era assim uma pessoa muito fechada, assim muito tímida. A minha avó dizia que, em criança, as palavras em mim custavam dinheiro. Sentava-me a ouvir conversar mas não falava com qualquer pessoa. Tive uma colega que me ajudou muito nesse ponto. Ela era uma moça muito alegre, muito expansiva, muito engraçada. Ainda hoje é. Eu comecei a aprender com ela. Aquilo que ela fazia, eu também fazia. Ela fazia e ria-se e eu falava e ria-me. No trabalho eramos as duas escolhadoras. Na hora do almoço comíamos lá e então íamos dar uma volta.

Comecei a ser militante no trabalho logo após o 25 de Abril. Nessa altura, na empresa onde ando agora, as pessoas mobilizaram-se para delegados sindicais. Formamos uma comissão, na primeira entrou a minha irmã. Quando ela deixou, entrei eu. Fui escolhida pelos trabalhadores. Escolheram uma pessoa daquelas que achavam que eram as mais regulas.

E a partir daí gostei daquela experiência nova. Aprendi muita coisa. Naqueles tempos quentes faziam-se muitas greves. Nós também fizemos e tivemos, já nessa altura, de enfrentar a G.N.R. e bater-lhe pé bem batido. Para mim foi muito bom porque eu nunca tinha entrado numa experiência destas. Até aí a minha vida o que é que foi? Comecei a sentir o carinho das pessoas, o apoio das pessoas, comecei a ter mais confiança em mim.

Lá na empresa reuníamos a comissão sindical e depois tínhamos as reuniões do sindicato durante o dia e ainda tínhamos as reuniões gerais. Só que eu tenho um problema que ainda não consigo ultrapassar: não tenho o *dom da palavra*. Quando fazíamos os plenários, eu nunca falava. Tirava sempre apontamentos. Havia uma delas que era quem falava sempre nos plenários. E no entanto essa aí, depois, acabou por ceder aos patrões. E foi testemunha falsa contra mim.

Nessa altura começaram a formar-se bastantes grupos aqui na paróquia. Foi quando vieram estes padres para aqui. Aprendi bastante.

Aqui há uns anos atrás, fizemos uma greve geral em Fevereiro. Lá na minha empresa fizemos greve 18 mulheres. No outro dia, fomos pegar, aquilo foi uma barraca do caneco, ficamos todas viradas para a parede. Para nós foi uma risota. Ali, a maioria está na escolha à máquina. Também há meninas bonitas que estão na banca como antigamente. Então, nesse dia chegamos lá e ela disse:

— Vós ides-vos virar ao contrário.

Normalmente estamos viradas de costas para a parede, umas para as outras mas, nessa altura, ficamos 3 ou 4 máquinas paradas para nós não falarmos com ninguém. Quando voltamos a fazer greve já só estamos 8. Tornamos a ser castigadas, viradas para a parede. Muitos dias, não sei se foi um mês.

Um dia o patrão quis ser generoso com os trabalhadores, ofereceu pano para uma bata e fez um banquete. Mas tínhamos que pagar 500\$00. Eles andavam por lá a dizer: “nós vamos dar uma bofetada sem mão”. Porque eles iam, nesse dia, oferecer uma medalha a cada trabalhador e para nós medalha nenhuma. Também não era preciso. Nós fomos informar ao sindicato para ver se era possível recusar. Eles disseram que sim e nós não fomos.

A certa altura ele deixou de pagar os retroactivos aos trabalhadores mas nós reclamamos porque temos esse direito. Metemos o caso em tribunal. Eramos só 3. O julgamento não chegou a sair porque nessa altura havia as conciliações. Fomos a Aveiro e ele decidiu logo pagar porque sabia que tinha que pagar. Quando chegamos à empresa, essas 3 trabalhadoras, fomos logo viradas para a parede.

Estive ali 3 anos. Eu e a Madalena e uma cunhada dela. Esses 3 anos faz-se de conta que foi uma escola para mim. A Madalena já nessa altura vivia na comunidade, tinha outras experiências que eu não tinha. Então ela contava-me tudo. E eu começava assim a agarrar aquilo, entusiasmava-me.

E como eu gostava assim de saber essas coisas! Ela, se fosse ao cinema, contava-me o filme todo. A gente tinha que passar o tempo de alguma maneira. Nós estávamos ao correr de uma máquina comprida, eu estava no meio e a Fátima na ponta. Só que eu puxava-me assim mais um bocadinho, saía fora do lugar. Nós estávamos assim isoladas e passávamos o dia a conversar.

Uma outra vez fui a tribunal para ser testemunha de uma colega minha. Eles não lhe pagavam o tempo que ela foi ao médico com o filho. Fomos para tribunal, ela ganhou. E para nós... aquilo... ah!, estávamos no ar. A filha do patrão ficou com puteira comigo e embirrou dizendo que eu tinha calcado uma rolha. Eu não senti nada e a rolha não se queixou! Então, ela virou-se para a empregada e disse:

— Ó Donzília, ponha essa mulher a apanhar rolhas.

Andei 15 dias a apanhar rolhas do chão. A fazer trabalho de uma manobra. Fui ao advogado e ele disse:

— Pois é, você foi ser testemunha de uma sua colega e agora tem as consequências, mas nós vamos já tratar do assunto.

Escreveu uma carta à empresa e os dirigentes foram lá para eu assinar a carta. No outro dia assentaram-me logo.

Entretanto fui mudada de secção. É melhor porque não temos a filha do patrão a chatear-nos a cabeça, mas é uma secção só de máquinas, muito mais barulho e muito mais pó. Estive lá um ano. Depois, engravidei com o Pedro e vim para casa todo o tempo. Quando voltei fui para a mesma secção e no outro dia já vim para baixo para a secção de escolha onde é meu direito de estar.

Nós ainda fomos outra vez a tribunal porque eles não nos queriam pagar os dias de Carnaval porque eles quiseram fechar 2 dias e depois queriam que as pessoas trabalhassem até às 8h da noite. Metemos o caso em tribunal e aqueles 2 dias que ficamos em casa, ele teve que nos pagar. Ainda caçamos o fim-de-semana e mais 2 dias. Pagaram-nos 6 dias. Isto foi em fins de Maio, princípios de Junho. Depois das férias quando fui pegar, fui logo mudada de secção. Estou lá já há 2 anos. Estamos lá o grupo todo.

Só nós é que recebemos porque fomos a tribunal, o resto das trabalhadoras não receberam. No dia em que fomos ao escritório receber, as outras eram assim:

— Ai que bom! Também eu gostava de ter recebido.

— Ai vós gostáveis? Fizesseis como nós vos convidamos. Vós não aceitasteis.

Quando recebi a fêria, em vez de nos pagarem em notas de 5 mil como às outras, pagaram-nos tudo em notas de cem. Ai que risota!... Eu era assim para a outra minha colega:

— Ó Carolina, não vás embora que eu tenho medo de ser assaltada — e com a patroa ao meu lado.

Ficou danada. Eles julgam que nos faz diferença...

IV. TEMPO PARA NÓS MULHERES

O GRUPO QUE ABRACEI MAIS

O grupo de mulheres começou assim por um convite que fizeram à Madalena...

Havia também uma mulher que ia sair lá da fábrica para tomar conta do filho e nós dizíamos:

— Ó Fernanda, isto vai ser muito chato, tu ficares em casa assim isolada. Já viste o que é, uma mulher com tanta genica ser criada do homem e dos filhos... isto para mim mete-me cá uma confusão.

E ela:

— Ai, eu não vou estar parada. Eu gostava assim de arranjar um grupo. Ficar fechada assim sem nada, vou morrer estúpida.

E nós lançamos a ideia. Começamos a reunir a partir daí. Foi nessa intenção, criar um espaço só para a mulher, para ela poder abrir-se assim de tudo. Porque nos outros grupos, onde há homens e mulheres, eu não posso falar à vontade, já não estou assim tão à vontade. Aí os homens tomam muito mais a palavra do que as mulheres. Eu acho que isso é erro nosso.

Eu acho que é muito bom os grupos porque uma pessoa consegue abrir-se. Mas o grupo que eu abracei muito mais foi o grupo de mulheres. Esse grupo para mim foi especial. Tinha a Madalena que é uma pessoa com bastante gana. Ajudou muito. Até em pequenas coisas que eu não ligava. Ela dizia-me assim:

— Olha, pergunta a fulana isto assim.

— Ai, eu tenho alguma coisa a ver com isso?

E ela:

— Então uma pessoa para saber as coisas tem que perguntar!

Eu acho que a melhor experiência é a experiência da vida. Se calhar é o que me cativou mais no grupo de mulheres. Alargamos a outras mulheres os nossos trabalhos. Para mim é bom. É bom estar a fazer alguma coisa pelas outras mulheres.

AINDA NÃO APRENDEMOS A TER TEMPO PARA NÓS

Uma minha colega diz:

— Então eu não tenho que tirar um bocadinho para mim?

E eu:

— Realmente, olha, fazes tu muito bem. Burra sou eu em não o tirar. Ando sempre a correr.

Mas eu prefiro sair de casa do que perder tempo a limpar a pele porque ao mesmo tempo estou a valorizar-me. Há mais mulheres que estão no grupo porque acham que devem ter espaço para elas e devem ocupar os tempos livres noutras coisas. Não só em casa, mas também fazer algo pelas outras. São felizes, estão ali porque gostam de estar. Também há mulheres, por enquanto são duas, que gostam daquele espaço porque não têm mais nada e aproveitam a reunião para sair de casa. E têm desabafado assim situações entre elas e os homens. E têm os filhos já com problemas. Uma dessas mulheres entrou agora para o grupo. É engraçado tem passado lá tanta gente, tanta mulher. Vão uma temporada, depois já ficam em casa e aparecem outras novas. Uma dessas mulheres entrou agora porque, como o grupo estava a ficar pequeno, nós combinamos: “cada qual está responsável por convidar uma ou duas mulheres”. E cada uma tomou essa responsabilidade. Nós convidamos as mulheres e apareceram mais duas novas.

Há reflexões que a gente faz que pensamos: “bem isto aqui não deve ficar só para nós, há que alargar a outras mulheres”. Então alargamos. São temas assim sobre a saúde e as consultas. É bom para as mulheres porque no final tinham que aprender a autoexaminar-se.

As pessoas daqui são muito convidativas e mesmo no meio do trabalho comunicam bastante. Nós temos estado paradas porque as médicas deixaram de aparecer e as pessoas vêm perguntar quando é que começamos que gostavam bastante e que têm bastantes problemas. Era um espaço que elas tinham, que vinham aprender. Depois em casa que se sentiam mais à vontade, tinham coisas para discutir com o homem, com o marido.

Eu, dos homens não tenho assim muitos dados concretos. Agora tenho das minhas colegas que participavam. Começaram a dizer que até o modo de vida em casa começou a alterar. Outras dizem que até as relações sexuais começaram a alterar:

— Nós estamos a fazer um esforço para conseguir melhorar e até o meu homem já diz que agora a nossa relação é melhor.

Eu tenho o cuidado de, quando se faz algum encontro, perguntar o que elas acham, qual o proveito que tiveram e se realmente ajudou. Aliás é nos inquéritos que elas dizem certas coisas.

Depois temos os encontros mais alargados que a gente acha que é até um dever o homem estar presente. Por exemplo, sobre o cancro, um sobre

arqueologia, sobre as plantas já fizemos dois, outro sobre a educação dos filhos, alargado também. Há coisas que a gente vê que tanto o homem como a mulher têm responsabilidade os dois. Eu acho que a sociedade se faz com homens e com mulheres... A gente tem assim coisas para os dois.

AGARRAR O GRUPO

O nosso grupo... Em cada grupo há sempre um mais responsável. Então, neste momento sou eu que estou a agarrar mais o grupo. Então peço a uma pessoa para combinar comigo melhor as reuniões. Eu não sou assim muito criativa... Vou a casa dela e combinamos o que é que a gente há-de discutir na reunião. Então apresentamos. A malta aceita ou não. Se aceita, então a gente começa a falar. Se não aceitar vamos ver outras formas. As pessoas discutem ali entre elas o que é que a gente há-de debater. Quando a gente faz assim um encontro mais alargado, para mulheres ou assim para a população, primeiro reflectimos no grupo aquilo que vamos fazer. Vemos em conjunto o que é que vamos fazer.

Essas coisas para a população só se fazem no grupo de mulheres. Por isso é que eu gosto mais deste... Embora as mulheres que estão neste grupo também estejam noutros grupos: — o grupo de oração grande que é, não só de oração, mas está dividido em muitos “ministérios”, por exemplo, revisão de vida, intervenção no meio, oração e convívio; — o grupo mais ou menos comparado ao da oração mas mais pequeno — foi um espaço que nós vimos e apreciamos de criar para estar mais activas no meio do trabalho e a nível da freguesia; — o grupo de ginástica que é só de mulheres que foi um grupo de holandesas que aqui esteve com a Anabela, deixaram-nos as cassetes e as folhas de ioga. Agora há duas responsáveis pela ginástica. Sou eu e a Teresa, quando eu não vou, vai a Teresa. Eu já não vou há um ror de tempo. O meu corpo já começou a sentir a falta da ginástica. E depois, para além disso... o convívio que há entre as mulheres. A gente faz ginástica e no fim estamos lá todas sentadas ou deitadas a conversar, estamos assim tempo! Acho que é muito bom.

AS MULHERES PENSAM QUE MANDAM AQUI

Nós, normalmente, reunimos na cantina que pertence à Junta. Era um espaço que estava vazio. Fomos à Junta e eles deram-nos a chave. Mas nós temos tido alguns problemas com o presidente. Quando começamos o trabalho de saúde, ele quis mesmo levar as médicas ao Centro de Saúde para ver se elas estavam oficiais. Depois quiseram-nos tirar a chave mais do que uma vez e eu tive que bater o pé.

Ele dizia assim:

— A mania das mulheres dizerem que mandam aqui!

Nas últimas eleições que houve para as autarquias, ele tinha dito que não nos dava a chave. Até trocou a fechadura da porta. Nós fomos falar com ele e dissemos:

— Até porque vocês ganharam porque nós apelamos à população para votar em vocês.

Não era nada disso, mas eles ficaram todos contentes mas achavam que aquele espaço estava vazio. E nós:

— Temos uma ideia se tu quiseres aproveitar. Vós tendes ali aquela sala grande porque é que não aproveitais para outras coisas, para trabalho de idosos e reformados...

Então ele resolveu montar o bar e fez lá uma sala de convívio para a 3ª idade. Depois chamou uma pediatra que trabalha lá na sala de entrada. Nós também partilhamos a nossa sala com um grupo de jovens com quem o Manuel trabalha. Dantes era só nossa, mas o Manuel reunia numa sala da Junta e o presidente chateava-o e ele pôs ao presidente se ele o deixava reunir na cantina. E ele respondeu:

— Isso é lá com elas.

E nós deixamos. Nunca mais tivemos problemas. Mas antes tivemos que bater o pé com ele muitas vezes.

O FUTURO DO GRUPO

O futuro do grupo de mulheres é uma coisa que me está cá a preocupar um bocado. Nós quase sempre no fim do ano revemos o trabalho. Fazemos o balanço e já marcamos coisas para quando comermos. A gente vai ter que pensar, sei lá! As mulheres estão a ficar cada vez mais em casa. Quase toda a gente tem vídeos. Preferem ver um filme do que sair de casa. Então a gente vê:

— Há que marcar um encontro para chamar as mulheres cá para fora.

Nós temos um sketch que foi a Madalena que fez lá no Brasil e que gostávamos de o apresentar aqui às outras mulheres. São retalhos da vida de uma família e mete um bocado a escola, a mulher em casa, a mulher no trabalho, depois chega a casa com uma circular mas o pai diz logo que são coisas para a mãe. Que a mulher ganha menos e portanto que o prejuízo é menor. É engraçado! E estávamos a pensar, assim, fazer esse sketch e depois haveria um debate e um convívio. Só que ficou no ar porque ninguém quer pegar nos papéis. Agora se calhar só para depois das férias.

Eu também já falei no grupo de mulheres que, se houvesse um filme sobre a sexualidade da criança, passávamos o filme e depois fazíamos um debate. Porque, principalmente as mães, vivem muito preocupadas com as perguntas que os filhos lhes fazem sobre a sexualidade. E há mães que têm

problemas com os filhos. Tínhamos pensado também convidar as crianças. Então os miúdos podiam ver e ter a possibilidade de fazer perguntas. Eu já pus essa questão duas vezes no grupo. E elas:

— Onde é que nós vamos arranjar esse material?

Eu acho que não é difícil arranjar, ou mesmo até fotografias de bebés, não sei. Aqui há tempos esteve aqui um professor a falar sobre sexualidade infantil e há coisas que ele disse que os pais desconhecem.

RESUMO

Este trabalho, realizado a partir de uma história de vida de uma mulher trabalhadora de Lourosa e que, simultaneamente, pertence ao grupo de mulheres, pretende dar conta dos diferentes processos educativos que intervieram na construção da sua identidade de género.

Conceptualizamos Lourosa como uma zona de capitalismo semi-periférico, onde as mulheres trabalhadoras se encontram no eixo de dupla exploração e dupla opressão, entre as relações patriarcais de dominação e as relações capitalistas de produção, tenta-se abordar de que forma os diferentes processos educativos — educação formal, informal e não-formal — mediados pelos espaços educativos — escola, família, local de trabalho, os pares e o grupo de mulheres — contribuem ou não para a construção social da diferenciação de género.

Considerando a ideologia e a reprodução, dentro dos espaços educativos, como processos importantes que contribuem para a manutenção da situação das mulheres trabalhadoras, tentou-se também analisar os espaços de resistência e destruturação dos determinismos sociais em relação a esta problemática.

Considerando ainda Maria como uma das intelectuais orgânicas do grupo de mulheres, aborda-se também como é que estes grupos — inseridos nos chamados novos movimentos sociais — podem contribuir para uma mudança, ainda que limitada e circunscrita, da construção da feminilidade pela destruturação / reconstrução de novas identidades sociais.

I. INTRODUÇÃO

No âmbito da Sociologia da Educação¹ em Portugal, encontramos poucos estudos² que tratem a problemática do *género*³. Nos últimos anos, esta disciplina tem tido diversas preocupações que vão desde as questões de classe aos temas como o insucesso e o sucesso escolares, a mobilidade social através da educação, o abandono escolar, a interação professor-aluno na sala de aula, sem que haja, em geral, uma preocupação explícita com aquela problemática.

No entanto, é a situação das mulheres na sociedade capitalista contemporânea que nos interessa, em particular a análise dos diferentes processos educativos e o seu impacto na construção da identidade feminina.

Consideramos a educação como um processo lato de transmissão cultural de uma geração à seguinte, assim como de aquisições e construção das subjectividades, num processo permanente que conduz a passagem da criança à vida adulta e enforma a própria vida adulta. Em sentido lato, a educação é veiculada em diferentes processos e espaços educativos: escola, trabalho, pares, família e, neste caso, o grupo de mulheres. É, quanto a nós, um processo dialéctico, já que não consideramos o indivíduo completamente determinado pelas influências sociais, antes com alguma possibilidade de recusa e/ou produção alternativa.

Situámo-nos, do ponto de vista metodológico, nas fronteiras entre o método biográfico nas suas relações com o método etnográfico. Ao escolhermos a biografia de uma mulher — história de vida — pretendíamos perceber quais os constrangimentos que nela se cruzavam, conhecer os espaços sociais onde ela interage e compreender “a síntese vertical da sua história social” (Ferrarotti, 1983: 50), concretamente nos processos educativos (re)construídos.

1. Este trabalho foi realizado no âmbito da disciplina de Sociologia da Educação da Licenciatura em Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, sob a orientação dos docentes Stephen STOER e Helena ARAÚJO.

2. Merecem-nos referência, entre outros, os trabalhos de Maria Manuel, Cristina Rocha, Veiga Fernandes, Helena Araújo, Isabel Romão, Ivone Leal.

3. Utilizamos género diferentemente de sexo por considerarmos que este último conceito se aplica sobretudo às diferenças biológicas entre os indivíduos e género exprime melhor, quanto a nós, a construção social das identidades femininas e masculinas. (ver p. ex. Ann Oakley, cit. por MacDonald, M., 1981).

I. INTRODUÇÃO

No âmbito da Sociologia da Educação¹ em Portugal, encontramos poucos estudos² que tratem a problemática do *género*³. Nos últimos anos, esta disciplina tem tido diversas preocupações que vão desde as questões de classe aos temas como o insucesso e o sucesso escolares, a mobilidade social através da educação, o abandono escolar, a interação professor-aluno na sala de aula, sem que haja, em geral, uma preocupação explícita com aquela problemática.

No entanto, é a situação das mulheres na sociedade capitalista contemporânea que nos interessa, em particular a análise dos diferentes processos educativos e o seu impacto na construção da identidade feminina.

Consideramos a educação como um processo lato de transmissão cultural de uma geração à seguinte, assim como de aquisições e construção das subjectividades, num processo permanente que conduz a passagem da criança à vida adulta e enforma a própria vida adulta. Em sentido lato, a educação é veiculada em diferentes processos e espaços educativos: escola, trabalho, pares, família e, neste caso, o grupo de mulheres. É, quanto a nós, um processo dialéctico, já que não consideramos o indivíduo completamente determinado pelas influências sociais, antes com alguma possibilidade de recusa e/ou produção alternativa.

Situámo-nos, do ponto de vista metodológico, nas fronteiras entre o método biográfico nas suas relações com o método etnográfico. Ao escolhermos a biografia de uma mulher — história de vida — pretendíamos perceber quais os constrangimentos que nela se cruzavam, conhecer os espaços sociais onde ela interage e compreender “a síntese vertical da sua história social” (Ferrarotti, 1983: 50), concretamente nos processos educativos (re)construídos.

1. Este trabalho foi realizado no âmbito da disciplina de Sociologia da Educação da Licenciatura em Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, sob a orientação dos docentes Stephen STOER e Helena ARAÚJO.

2. Merecem-nos referência, entre outros, os trabalhos de Maria Manuel, Cristina Rocha, Veiga Fernandes, Helena Araújo, Isabel Romão, Ivone Leal.

3. Utilizamos *género* diferentemente de *sexo* por considerarmos que este último conceito se aplica sobretudo às diferenças biológicas entre os indivíduos e *género* exprime melhor, quanto a nós, a construção social das identidades femininas e masculinas. (ver p. ex. Ann Oakley, cit. por MacDonald, M., 1981).

Preocupava-nos a escolha de uma mulher cuja história de vida pudesse fazer luz na problemática que nos propunhamos tratar: de como mulheres de uma determinada classe social vivem as questões de género e como é que os processos educativos por que passam influenciaram a sua forma de ver, sentir e compreender a realidade, a sua vida, a vida dos(as) que a rodeiam.

Optamos por Maria porque ela é, como já o sabíamos, operária, elemento activo do grupo de mulheres que nos interessava especialmente pela circunstância deste grupo estar no cerne da nossa reflexão — a problemática da situação das mulheres, da (re)construção das suas identidades, numa procura das possibilidades de mudança.

Fizemos uma opção pelos métodos qualitativos devido:

- à nossa empatia e respeito pelo grupo que queríamos investigar;
- à nossa intenção de não considerar as mulheres como objecto passivo de investigação;
- à nossa opção por estudar a problemática na sua interacção social, o mais próximo possível de uma perspectiva globalizante, ainda que não generalizável.

Relativamente ao uso desta metodologia, parece-nos pertinente a contribuição de Boaventura de S. Santos nas questões hoje colocadas à produção do conhecimento científico.

Na crise da racionalidade da ciência actual, os projectos de investigação que tentam fugir da ciência tradicional (dominante) não podem ainda ser capazes de corresponder inteiramente ao paradigma emergente, mas “em todo o caso devemos exercer a insegurança em vez de a sofrer” (Santos, B., 1987: 57).

“Hoje necessitamos de um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudamos” (Santos, B., 1987: 53).

II. DEFINIÇÃO DA PROBLEMÁTICA

Na nossa opinião, as mulheres trabalhadoras encontram-se numa situação específica relativamente aos homens da sua classe, para o que contribuem, de forma acentuada, os diversos processos e espaços educativos que percorrem ao longo da sua vida.

Para nós, interessadas como estamos nas mulheres trabalhadoras, a escolarização formal é apenas um pequeno aspecto da sua educação. Tratamos, pois, no âmbito deste trabalho, outros espaços onde os processos educativos têm lugar e onde as mulheres se constroem como actores sociais. A nossa preocupação central é, então, trabalhar as questões de como as mulheres se constroem socialmente e quais os processos educativos que enformam a diferenciação social do género, à luz do discurso de uma mulher trabalhadora, neste caso de Lourosa⁴, que conceptualizamos como uma zona de *capitalismo semiperiférico*⁵.

4. Lourosa é uma zona de tradição fabril ligada à cortiça. Este sector de transformação de matéria prima foi muito desenvolvido durante o fascismo sendo um dos nossos primeiros produtos nacionais de exportação. Tem, de há longa data, uma grande implantação de pequenas fábricas familiares, sobretudo fábricas de rolhas, com uma mão-de-obra extremamente mal paga, sendo o grosso do seu contingente mulheres. A maioria das pessoas recorre ao cultivo de cultivar dos seus quintais como trabalho complementar de agricultura minifundiária de subsistência. Estão, agora, a emergir empresas de calçado que constituem uma alternativa à cortiça.

5. Concordamos com Stoer e Stoleroff (1988) quando referem que Portugal, no contexto do capitalismo avançado internacional, é um país com fortes características de dependência em relação aos países do centro: por um lado, com problemas específicos de acumulação condicionada — necessidade de racionalizar os custos — e por outro, submetido aos ditames da economia central. É num contexto de processos de trabalho quase préfordistas que encontramos um sector produtivo com fortes características de subterraneidade, com meios de produção e instrumentos tecnológicos muito recuados e, conseqüentemente, uma grande competição.

Não consideramos as mulheres como uma classe, nem como um grupo social independente das classes, mas como um grupo de pessoas que, devido à ideologia e às relações patriarcais, são relegadas para a categoria social de género feminino. Colocá-las nesta categoria social significa dizer que as mulheres, pelo simples facto de serem mulheres, são alvo de discriminação, independentemente da sua situação de classe⁶. A nossa análise situa-se, então, numa conceptualização de que as mulheres trabalhadoras são duplamente exploradas e duplamente oprimidas, isto é, exploradas pelas relações patriarcais de dominação e pelas relações capitalistas de produção, e oprimidas pela ideologia patriarcal e pela ideologia capitalista.

Consideramos que a situação das mulheres não foi originada pelo capitalismo nem o fim deste trará, necessariamente, uma alteração significativa e qualitativa às suas condições de vida. No centro desta problemática está o conceito de *patriarcado*, que tem sido alvo de bastante polémica e que não é, ainda, conceito pacífico⁷.

Pela nossa parte consideramos que o patriarcado não é um sistema independente do sistema de relações de produção capitalistas e que, como todas as relações sociais, não se manteve inalterável ao longo da História. Manifesta-se, sobretudo, nas relações de dominação e apropriação da sexualidade e fertilidade das mulheres no seio da família nuclear, através da exploração do trabalho doméstico e da ideologia do género que se estende e alarga a todos os sectores da vida social.

6. *Algumas perspectivas teóricas, nomeadamente as funcionalistas, assumem a situação das mulheres como "natural", relegando-as para o seio da família, partindo de pressupostos biológicos, sem maiores explicações. As feministas radicais atribuem a situação da mulher a um universalismo trans-histórico, sem referência às suas condições concretas, histórico-sociais. A análise marxista tradicional situa a opressão da mulher exclusivamente ao nível da ideologia. Insistindo na primazia da contradição capital-trabalho, nesta perspectiva, o papel das mulheres será irrelevante, a menos que estejam incorporadas no trabalho assalariado produtivo.*

7. *O patriarcado tem sido sobretudo utilizado pelas feministas, conceptualizado como a sobrevivência da relação de dominação dos homens sobre as mulheres que hoje se mantém sobretudo na instituição do casamento (mas não só), através do controle da sexualidade, fertilidade e reprodução femininas, da exploração do seu trabalho doméstico não-pago e ainda pela ideologia da diferenciação dos papéis sexuais. As feministas radicais (como Firestone) enfatizam o patriarcado como o principal sistema de dominação, daí a contradição principal se situar entre o homem e a mulher (Barrett, 1980) e a causa primeira da opressão das mulheres residir na sua capacidade reprodutora, o que nos parece uma análise bastante limitada. Para os marxistas tradicionais, o patriarcado sobrevive hoje apenas como ideologia funcional ao capitalismo. Esta perspectiva é também, a nosso ver, limitada já que nos parece difícil a sobrevivência mais ou menos intacta de uma ideologia com a alteração das bases materiais da sua existência. Para além disso, esquece o carácter servil e não-pago do trabalho doméstico realizado numa esfera diferenciada da produção capitalista, regida também por outros padrões que não os das relações capitalistas de produção — troca afectiva... dependência... Algumas marxistas (A. Kuhn e R. Harrison, cit. por Barrett, 1980: 16) têm tentado conciliar este conceito com uma análise materialista, quer apresentando-o com explicações psicanalíticas, quer referenciando as mulheres a uma relação dual entre o patriarcado e o sistema de classes capitalista.*

A articulação entre o capitalismo e as relações patriarcais de dominação nem sempre têm constituído um elemento funcional àquele. No cerne desta articulação está o conceito de *ideologia*⁸ entendido "como um termo genérico para os processos pelos quais o significado é produzido, desafiado, reproduzido e transformado" (Michèle Barrett, 1980: 97). Consideramos, tal como Barrett, que a ideologia se restringe a fenómenos mentais e não materiais. Conquanto possa existir em condições materializadas e materializáveis, dizer que a ideologia é material seria misturar os dois conceitos. "O conceito de ideologia refere-se a processos que têm a ver com consciência, motivação, emotividade" (ib: 97), acrescentaríamos, representações sociais e modos de significação.

Ao restringirmos ideologia ao nível mental, não queremos com isso afirmar a sua determinação, quer da esfera económica, quer de qualquer outra (biológica, psicológica, p. ex.). Significa antes que lhe advogamos uma autonomia relativa, numa relação recíproca. Esta reciprocidade entre a ideologia e as suas bases materiais de existência operam nos limites históricos e sociais do contexto específico em que se estabelecem. Daqui que falar das questões do género em termos de ideologia é falar da construção social da masculinidade e da feminilidade.

Consideramos que, apesar da ideologia não existir fora das suas condições históricas, a produção cultural, a prática cultural, embora não sendo suficiente, é uma importante luta por uma tomada de consciência enquanto mulheres, "pela transformação das nossas subjectividades" (ib: 113).

Estando a mulher também no cerne da socialização das crianças pela situação em que se encontra como mãe de família, como educadora ou professora na escola (grande maioria dos profissionais ligados à educação) a mulher está ligada ao processo de *reprodução social*⁹, i. é, à reprodução das relações sociais de dominação.

8. *Na análise marxista mais recente, o conceito de ideologia tem vindo a ser discutido sobretudo desde Althusser que lhe concedeu "autonomia relativa", embora determinada, em "última instância" pela economia. As feministas, por seu turno, têm enfatizado a autonomia da ideologia (Rosalind Coward, cit. por Barrett, 1980: 33) como desempenhando um importante papel na enformar das relações e das posições relativas dos homens e das mulheres na vida social.*

9. *A capacidade reprodutora da mulher tem sido vista, sobretudo pelas feministas radicais e também pelos funcionalistas, como a causa da situação da mulher na sociedade, embora as duas abordagens se façam em sentidos diferentes. Para Marx, quer a reconstituição imediata da força de trabalho, quer a manutenção do trabalhador em períodos de não emprego, quer ainda a substituição pela sua progenitura, constituem um trabalho de reprodução que tem estado fundamentalmente a cargo das mulheres na família. Althusser introduz o conceito de reprodução social como a necessidade que qualquer formação social tem de reproduzir as suas próprias condições de produção, trata-se de reproduzir, não só os indivíduos, mas as relações sociais entre eles. Althusser, Bowles e Gintis, por um lado e, por outro, Bourdieu e Passeron e ainda Bernstein, desenvolvem as teorias, respectivamente, da reprodução social e cultural, realizadas sobretudo através da escola e da família.*

Os conceitos de ideologia e reprodução não nos parecem suficientes para a análise da situação das mulheres e, concretamente, desta história de vida, já que consideramos que as pessoas não são esmagadas pelos determinismos estruturais, antes podem, em maior ou menor grau, intervir no social. É aqui que a organização, reflexão e acção podem contribuir para a destruturação/estruturação das suas identidades numa aprendizagem da autonomia, numa construção para a mudança.

A nosso ver, é o conceito de *intelectual orgânico*¹⁰ que melhor esclarece essa acção consciente, reflectida e organizada para a mudança. Consideramos, tal como Gramsci, que nenhuma actividade é desprovida de actividade intelectual criativa¹¹. Diferentemente dos intelectuais tradicionais de profissão, definidos pelas características intrínsecas da sua actividade, os intelectuais orgânicos definem-se “por um lado pelo seu papel na produção e na organização do trabalho e por outro pelo seu papel como dirigentes políticos”, pela sua capacidade de organização e de iniciativa acrescentada por uma absorção de ideias e pessoas dos estratos intelectuais mais avançados (Gramsci, 1971: 4).

No que diz respeito ao grupo de mulheres, pensamos que este conceito de intelectual orgânico se lhes aplica mas enquadrado hoje num sentido da construção daquilo que poderemos chamar de “*hegemonia alternativa*”, construída na base de lógicas diferentes das organizações partidárias e sindicais anteriores, na procura da diversidade cultural, no respeito pelo direito à diferença. Os grupos de mulheres, tal como os novos movimentos sociais, são mais totalizantes e têm uma intervenção mais local¹², características que podem mudar o sentido das lutas sociais.

10. Veja-se Gramsci, António, 1971.

11. Pretendemos distinguir a actividade intelectual da noção de senso comum que a confunde com a função social que determinados indivíduos desempenham, pela sua posição social e estatuto profissional, e alargar o seu conceito a toda a actividade humana pela maior ou menor capacidade de todos em utilizar as suas capacidades mentais e criativas nas diferentes actividades e ao longo da sua vida.

12. Veja-se, por exemplo, B. S. Santos, 1989.

III. METODOLOGIA

Optamos por um processo de pesquisa que se pautasse por modos de produção do conhecimento que respondessem a lacunas e insuficiências metodológicas das pesquisas consideradas mais tradicionais.

Interessava-nos produzir algum conhecimento contextualizado na problemática das mulheres trabalhadoras, pelo que fizemos a opção de recorrer às histórias de vida como metodologia fundamental porque, como diz Ferrarotti (1983: 51 e 52), uma praxis individual sintetiza verticalmente o social¹³:

“Se nós somos, se cada indivíduo representa a reapropriação singular do universo social e histórico que o rodeia, nós podemos conhecer o social partindo da especificidade irredutível de uma praxis individual (...).”

“Da reivindicação da subjectividade à ciência: aquilo que torna único um acto ou uma história individual apresenta-se-nos como uma via de acesso — muitas vezes possível — ao conhecimento científico de um sistema social. É uma via não linear, muitas vezes críptica que exige a invenção de chaves e de métodos novos para se deixar percorrer”.

Em relação à narradora, não estamos preocupadas com o que está por detrás do discurso; tivemos, antes, a preocupação de restituir a lógica interna do seu próprio discurso, interessando-nos sobretudo pelos **sentidos** que ela atribui à sua situação como mulher, à forma como **representa** a sua relação com os espaços onde se movimenta e às **subjectividades** que constrói na sua “praxis totalizante” (Ferrarotti, ib).

13. Concordamos com Ferrarotti, que “uma biografia singular é uma história de um destino único e irredutível” (ib: 41). “Um indivíduo opera no seu contexto, que exprime nas formas labirínticas de uma história de vida, sintetizando horizontalmente o seu contexto social imediato, o contexto do seu contexto, e verticalmente numa sucessão cronológica do seu impacto com os diversos espaços de mediação: a família, os pares...” (ib: 61).

PORQUÊ MARIA?

Escolhêmo-la porque a sua actividade não se restringe ao grupo de mulheres, mas alarga-se a outros grupos de “intervenção” que, apesar de não serem alvo das nossas preocupações, significa que ela não concebe a sua existência como mulher desgarradamente das outras circunstâncias sociais, onde a mudança é limitadamente possível mas necessária: actividade sindical, as lutas no local de trabalho, os grupos de oração na comunidade, etc...

Maria não de encaixa na imagem estereotipada da “feminista revolucionária, activa e militante” que os partidos de esquerda e alguns grupos feministas, juntamente com a ideologia “dominante”, fizeram propagar: uma mulher masculinizada, autoritária, dura e feia, vestida permanentemente de calças e cigarro no canto dos lábios.

Maria, pelo contrário, parece, num primeiro contacto, a imagem típica da feminilidade. Ela enquadra-se perfeitamente no meio em que vive, é simultaneamente **igual** a todas as mulheres de Lourosa, pela forma como se coloca, como vive e, simultaneamente, **diferente** pela consciência de que dá provas e que vai tentando materializar nalgumas pequenas (grandes) mudanças das suas condições reais de existência.

A sua timidez, suavidade, ternura, humildade, firmeza, consciência e vontade fizeram dela a personagem única e singular da história da sua vida que depositou nas nossas mãos com a tranquilidade de quem sabe que a revolução não é para amanhã, ela vai-se realizando todos os dias.

Ela é, por tudo isto, uma **mulher trabalhadora** não completamente determinada pelos constrangimentos sociais que a rodeavam e/ou rodeiam. É a personagem histórica que, como muitas outras mulheres e trabalhadoras, têm sido condenadas ao silêncio e esquecidas nas calendas dos compêndios históricos e sociológicos.

DIÁRIO DE BORDO

Como tínhamos alguns contactos com o grupo de mulheres de Lourosa, abordamo-las para a realização do nosso trabalho, tentando encontrar conjuntamente uma metodologia que beneficiasse ambas as partes.

Curiosamente descobrimos que o tema em discussão no grupo de mulheres era também a educação centrada na relação com os filhos e na partilha de responsabilidades com os maridos nesta relação. Preocupavam-nas problemas como a droga e a prostituição dos(as) adolescentes da zona. Estavam interessadas em discutir as atitudes que deviam ter por forma a evitar a marginalidade dos jovens, nomeadamente dos(as) seus(suas) fi-

lhos(as). Pediram-nos, então, para animar uma das suas reuniões¹⁴. Assim, optámos por passar o filme de Filomena Mónica — “Nados e criados desiguais” — e a partir dele discutir a educação formal naquela zona, tentando abarcar algumas questões como violência, escolarização, trabalho, ligação pais-escola...

A recolha da história de vida foi feita em três sessões, utilizando a entrevista semi-guiada¹⁵. Elaboramos um pequeno guião de modo a não perder a temática de vista, pedindo-lhe informações — quando as não deu espontaneamente — que abrangessem os espaços educativos que definimos como importantes. No entanto, o guião serviu apenas como ponto de referência, já que as entrevistas se mantiveram pouco condicionadas, porque o facto de a conhecermos previamente possibilitou uma relação de “paridade”.

Procuramos não só reflectir a informação posterior, confrontando-a com a inicial, no sentido de a aprofundar e controlar (segundo de perto as indicações de Poirier et. al., 1983: 75), mas também para conhecer o ponto de vista de Maria perante algumas concepções teóricas do nosso quadro de referência. Tentámos com isto que “o conhecimento se tornasse assim um conhecimento a dois (a quatro, diríamos nós) graças à intersubjectividade de uma interacção”. “O observador não conhecerá a fundo — cientificamente — o seu objecto senão pelo preço de ser, também profundamente conhecido por ele” (Ferrarotti, op. c. : 56).

14. O material colhido nessas gravações serviu-nos para compreender o funcionamento do grupo, conhecer melhor as próprias mulheres e as suas questões e também introduzi-las na nossa problemática do trabalho, descentrando a questão da educação da família a outros espaços educativos. No entanto, este material não foi trabalhado do mesmo modo que a história de vida, foi material secundário que nos serviu para a relação da história de vida com os contextos onde Maria interage.

15. As entrevistas decorreram com mais de um entrevistador uma vez que “a presença de vários auditores pode permitir atingir melhor os temas abordados, aprofundá-los melhor; o informador, assim solicitado por vários intervenientes, relançado pelas questões, traz documentos mais numerosos e mais circunstanciados; por um lado, acontece que o informador encontra-se mais à vontade perante um grupo do que perante um entrevistador isolado; a situação parece-lhe mais natural, tem um público que, por vezes, apenas pela sua presença, o ajuda a exprimir-se” (Poirier et al., op. c. : 27).

O tratamento do material obtido seguiu as etapas propostas por Poirier et al, (op. c.):

1. transcrição;
2. releitura;
3. eliminação das intervenções do pesquisador, das interjeições, repetições inúteis, palavras sem seguimento, expressões de contacto. Rectificação da pontuação e colocação das maiúsculas.
4. reaproximação das informações sobre uma mesma situação. Evidenciação dos temas das várias entrevistas. Reagrupamento segundo uma ordem temática, mas também com alguma ordem cronológica;
5. elaboração do texto final na primeira pessoa.

Realizadas estas tarefas de tratamento da história de vida, procedemos à relação entre esta e a teoria, no dito vai e vem dialéctico, abrangendo os espaços mediadores que conceptualizamos como educativos: a escola, a família, o local de trabalho, os pares e o grupo de mulheres.

Na categorização, utilizamos excertos da história de vida que identificamos com o símbolo (Hivi) seguido da página em que se encontra a referida citação.

IV. ANÁLISE DA HISTÓRIA DE VIDA

1. A ESCOLA ou O SACO CASTANHO E PESADO DA PROFESSORA

Conceptualizamos a escola como um espaço de educação formal¹⁶, na medida em que tem propósitos explícitos e implícitos de transmitir determinados valores e conhecimentos, credencia a “educação” que promove, com regras formalizadas por onde passa a hierarquização das suas estruturas.

As teorias funcionalistas e as de estratificação social têm analisado o sistema educativo com funções de preparação das qualificações técnicas para o trabalho. No entanto, Wolpe (1978: 312) afirma que a transformação do processo de trabalho é contraditório e irregular e não enforma directamente o sistema educativo. Afirma ainda que existe um desfazamento nos processos de reprodução (Wolpe, 1978: 309). O efeito disto é que as exigências de qualificações da força de trabalho são variadas e contraditórias, desvalorizando qualificações anteriormente necessárias e exigidas e produzindo exigências de novas qualificações (Wolpe, 1978: 310).

A escola, a família e outras estruturas da sociedade participam na reprodução, mas não fazem apenas isso. O capitalismo tem vindo, através de processos ideológicos, a restringir cultura e educação ao espaço da escola formal. Em cada momento histórico, o grupo dominante de uma geração selecciona e legitima uma parte do saber — conhecimento útil — a transmitir à geração seguinte¹⁷.

16. Tentamos aqui uma classificação dos processos educativos segundo os conceitos de educação formal, informal e não-formal de Coombs e Ahmed (citados por La Belle, 1986). “Educação formal é o sistema educativo institucionalizado, graduado cronologicamente e estruturado hierarquicamente, abarcando do mais baixo nível de instrução primária até ao mais alto nível da universidade”. “A educação informal é um processo ao longo da vida pelo qual as pessoas adquirem e acumulam conhecimento, qualificações e intuições da experiência diária e exposição ao meio ambiente”. “Educação não-formal é qualquer actividade educativa sistemática e organizada, levada a cabo fora do quadro do sistema formal para fornecer tipos seleccionados de aprendizagem a sub-grupos particulares da população. (...) Ela indica a exclusão de programas que providenciem meios alternativos de fornecimento de escolarização... associados a creditações, graus e diplomas” (La Belle, 1986: 3).

17. Veja-se, por exemplo, Johnson, 1981.

Os saberes que a educação formal transmite não são, portanto, a *cultura*¹⁸ de todos os grupos sociais presentes na arena educativa, mas a cultura de um dado grupo social, ou seja, a do grupo social dominante, pelo menos de um facção desse grupo (Wolpe, 1978: 312; veja-se também Bernstein, 1986; Bourdieu e Passeron, 1977). Daí que os grupos que não possuem essa cultura, ou que não a utilizam, estão em condições de desvantagem em relação à escola. Se isto é evidente em alguns estudos sobre as crianças das classes trabalhadoras, para nós também é claro no que diz respeito às raparigas que consideramos colocadas de uma forma desigual em relação aos rapazes, particularmente as da classe trabalhadora. A história das mulheres na educação tem sido, até ao momento, distinta da dos homens, assistindo-se a uma longa tradição de discriminação:

— o alargamento da escola de massas às raparigas é mais tardio do que aos rapazes. Deem (1978: 4) afirma que a escolarização de massas para as raparigas surge quando o Estado e a Igreja percebem que a escola será importante para estas se prepararem como esposas e mães.

— numa altura em que a urbe cresce, com a expansão inicial do capitalismo, o êxodo rural trouxe uma situação caótica de desorganização social, pobreza, miséria que era necessário normalizar. A escola de massas não aparece para benefício das próprias raparigas, mas em proveito directo das famílias que elas iriam integrar, no sentido de que iriam ser o suporte do bom tratamento e manutenção — o bem-estar — de uma força de trabalho masculina (ib: 5).

— em Portugal, com o Estado Novo, a par da forte ideologia de domesticidade nos *curricula*, assiste-se a uma diminuição da escolaridade obrigatória para as raparigas, embora isto não seja o nosso objectivo de estudo, no entanto seria interessante notar esta interferência do Estado na discriminação do género.

A história da vida de Maria relativamente à educação formal, embora seja um exemplo singular, pensamos que é muito comum às vivências das raparigas da classe trabalhadora na escola primária.

18. Embora não tratemos a questão da cultura de uma forma aprofundada, entendêmo-la como um fenómeno de produção que resulta da actividade humana pensante com o meio que a cerca. A cultura distingue-se da ideologia porque não é apenas um processo, mas um produto da relação desta com as condições materiais de existência. Mesmo quando produzida no mais simples espaço do quotidiano, este produto tem valor em si, independentemente desse espaço onde foi produzido, transcendendo a sua funcionalidade espacial e temporal.

1.1. Correspondência

As mulheres trabalhadoras não aprendem na escola as qualificações técnicas que pareciam ser necessárias ao desempenho no trabalho. Não é necessário que a escola cumpra esta função dado que elas irão ocupar os lugares mais baixos da hierarquia da fábrica.

“... a escola só me serviu para aprender a ler e a escrever, não aprendi mais nada. Só aprendi a ser agressiva e a ter medo” (Hivi:14)

O sistema educativo como um sector de reprodução, questão central para as mulheres, parece preocupar-se mais com a aprendizagem e o exercício das capacidades de obediência, submissão, respeito pela hierarquia, ainda que para tal seja necessário o recurso a processos de violência¹⁹:

“O que ela dizia e falava, a gente tinha que fazer. Não podia reclamar” (Hivi:11)

“... e eu ficava de joelhos virada para a parede, a estudar a tabuada. Já nessa altura!” (Hivi:11)

“Além disso eu não gostava deles, porque eles escondiam-se a espreitar-nos e não nos diziam nada e vinham fazer queixinhas. A minha mãe acreditava neles. Então eu dizia:

— Eu passei isso na escola e agora estou a passar no trabalho!” (Hivi:23)

A educação continua o que a família já tinha começado. E, reproduzindo a divisão sexual do trabalho pela sua categorização e classificação das alunas, pelos seus saberes e qualificações (como opostas às categorias e classificação dos alunos) direccionam mais as raparigas, ao deixarem a escola, para o casamento e a família (Deem, R., 1978: 20).

“A minha mãe conta assim esta história. E conta que a professora queria que me deixassem estudar, que me deixassem fazer o 5.º ou o 6.º ano, que nessa altura não era obrigatório. Só fazia quem quisesse. E a minha mãe falou assim:

19. Veja-se Bowles e Gintis (1986) onde desenvolvem o seu conceito de “princípio de correspondência” em que afirmam que as relações sociais existentes na escola e na família correspondem às relações de produção capitalista, no sentido de preparar os novos contingentes da força de trabalho para a distribuição na hierarquia social, treinando, na escola, as capacidades e regras para o mercado de trabalho.

— Não. Eu preciso dela em casa. Faz-me muito jeito porque eu tenho muitos filhos e são todos muito *chegadinhos* uns aos outros e ela faz-me muito jeitinho em casa”. (Hivi:15)

“Então elas tinham a autoridade dos pais e ainda muito mais castigavam as crianças”. (Hivi:12)

1.2. Desapossamento cultural ou “ela exigia que as crianças soubessem logo na altura”

Neste momento a escola, em termos legais, é igual para todos mas assistimos a uma *diferenciação* quer em termos de classe, quer em termos de género. Essa diferenciação é conseguida através dum desapossamento cultural que se manifesta, sobretudo, em três processos:

— *marginalização*, i. é., o conjunto de processos como desprezo, desvalorização, destruição das expectativas, “pôr de lado”, anulação cultural e desrespeito pela sensibilidade e emoções da criança que contribuem para que estas interiorizem que a escola é um espaço que não lhes pertence:

“Prontos, ganhou ela o prémio — o guarda chuva de chocolate —. Ai, eu chorei tanto nesse dia, porque fiquei sentida. Era uma coisa que eu nunca tinha comido. (...) De vez em quando ela levava chocolates e rebuçados. Eu nunca comi nada do que ela levava. Era para quem ela simpatizava. (Hivi:14)

“Então, as outras professoras vinham para a sala lanchar... bananinhas! Aqueles olhos arrasados de água e estava ali e não via letra nenhuma. Ficava assim... Aquilo para mim marcou-me. Sentia-me desprezada...” (Hivi:11-12)

— *dominação*, ou seja, os processos que impelem à submissão, uso e abuso da autoridade impondo a obediência cega, a domesticação, a disciplinação, a incapacidade de estabelecer comunicação — monólogo directivo:

“Eu tinha muito medo dela. Batia que era demais. Muitas vezes fiz xixi na escola. A gente pedia para ir lá fora e ela não deixava. Outras vezes começava a berrar. Quando ela começava a arregalar aqueles olhos e a berrar a gente fazia logo xixi pelas pernas abaixo.” (Hivi:11)

“Porque ela todos os dias nos obrigava a trazer a saca dela. O saco dela era assim um saco comprido, castanho e muito pesado.” (Hivi:13)

“— Vocês têm que aprender que quando eu falar é para se obedecer. Chamei ou não chamei por vocês? Porque é que vocês não apareceram?” (Hivi:13)

— *violência*, que engloba sobretudo o abuso dos castigos corporais, as humilhações, o medo que se inculca nas crianças, os berros permanentes.

“Uma vez pisou-me a face da cara e uma orelha. Amassou-me o brinco todo e a orelha começou-me a infeccionar. Tinha os dedos marcados na cara. Estava toda preta e a orelha também.” (Hivi:12)

“No outro dia deu-nos uma tarefa. Ei! o que ela nos bateu. As nossas mãos ficaram todas vermelhas. Só por isso.” (Hivi:3)

“Até que um dia ela — a professora — fez um ditado em que me encontrou 32 erros. Pois esses 32 erros foram batidos nesta mão. Ficou a mão toda negra! Era assim...” (Hivi:13)

Assim se vai construindo o ciclo do esmagamento do sujeito e se cria a marca social.

1.3. Selecção ou “Essa minha colega, que ganhou o chocolate, seguiu os estudos”.

Pode ser que a escola consiga fazer perceber às crianças da classe trabalhadora que esta instituição não é para elas, mas não consegue, pelo menos no caso de Maria, esconder os processos nem as razões por que o faz:

“E eu estava assim parada a pensar quanto era 9x8 e não respondi tão rápido. E ela passou logo à outra... acertou nessa. Eu sabia, porque eu sabia. Lembro-me perfeitamente. Os pais da outra podiam muito mais e além disso a mãe ia lá entregar coisinhas, estava lá sempre com presentes. E isso parece que não, comprava. Só me lembro dessa que continuou a estudar. Ela era uma burra mas a professora tolerava-lhe tudo.” (Hivi:14)

1.4. Sexismo e estereotipia ou “Levantava as saias”

No que diz respeito às raparigas, a análise do sistema educativo é

perspectivada por nós em função da ideologia patriarcal que lhe atribui o seu principal papel de esposas e mães, papel esse a desempenhar no seio do lar. A ligação apertada entre a família, casamento e educação é central na formação das suas identidades de género.

“Depois da escola, tinha o trabalho de casa e por isso não podia estudar a tabuada” (Hivi:11)

É central ao nosso trabalho que a ideologia das relações patriarcais de dominação relega as mulheres para a reposição da força de trabalho, isto é, o trabalho doméstico. Esta ideologia não se confina apenas à imposição das tarefas domésticas, mas é coadjuvada por mais dois processos que Deem conceptualiza para analisar a forma como as raparigas são socializadas, onde a escola tem um contributo fundamental, quer através do curriculum exposto, quer no curriculum oculto: “sexismo” e “estereotipia”²⁰.

“Quer o sexismo quer a estereotipia são questões problemáticas porque restringem o pensamento e as acções dos indivíduos no que diz respeito ao sexo. E porque não retratam o mundo real de uma forma precisa” (ib:23).

Podemos exemplificar estes dois conceitos com situações como: o apelo ao silenciamento das raparigas, apesar da sua “reconhecida” capacidade verbal, o apelo ao asseio, ao cuidar dos outros, à perfeição, ao rigor da aparência física, quer nos aspectos estéticos quer nos de decoro, à persistência e trabalho repetido, ao “aconchego dentro de portas”; e quanto aos rapazes, à não expressão de sentimentos e ao reforço da dureza, da actividade física, da força, da criatividade, do aventureirismo (Sharpe, 1976: 135).

A questão da diferenciação de género não aparece com evidência na história de vida de Maria. No entanto, o facto de a escola que frequentou ser exclusivamente feminina, reporta-nos para a ideologia do Salazarismo, tão imbuída de sexismo e estereotipia de sexo. Manifestava-se, não só na divisão das escolas para rapazes/raparigas, como também no currículo e, de forma oculta, nos manuais escolares únicos, usados então. A imagem da mulher doméstica, rodeada de filhos em número considerável... era a predominante. A do homem, como chefe de família, trabalhador — sustento de família²¹.

20. Para Deem (1978), “sexismo” é “o processo pelo qual certos tipos de fenómenos e comportamentos são atribuídos a um sexo em particular” (ib:23). Portanto, é a atribuição de características aos indivíduos segundo o sexo, partindo de pressupostos de que a aparência física, i. é, o facto de pertencer a um determinado sexo, determina as características de personalidade, os gostos, as escolhas, as atitudes, o comportamento, etc... Por isso, o sexismo afecta tanto os homens como as mulheres.

“Estereotipia” refere-se ao processo pelo qual os indivíduos assumem e interiorizam os modelos sexistas

21. Veja-se Cortesão, L., 1982, Romão, I., 1978 e 1989, Leal, I., 1979 e 1982.

Apesar de tudo, pensamos poder identificar determinado tipo de violência relacionada com o sexismo:

“Ela agarrava as crianças que tinham o cabelo comprido e puxava-as até ao quadro que estava no meio da sala. Agarrava e puxava assim pelo cabelo, corria com as crianças de lado para lado a puxar pelo cabelo. Eu nunca apanhei assim, mas muitas colegas minhas apanharam.” (...) (Hivi:12)

“Levantava as saias e dava com a régua no rabo. Elas ficavam com aquelas pernas todas pisadas.” (Hivi:12)

Parece-nos, sobretudo, de realçar o “levantar as saias” e o “puxar os cabelos”, quanto a nós bastante exemplificativos do tipo de violência específica em relação às raparigas.

1.5. Resistência e fuga ou “... e nós toca a fugir”

Os espaços de resistência, especialmente a fuga, que se encontram na história, parecem mais relacionar-se com a resistência defendida por Giroux:

“Nesse dia chamou por nós. Cheias de medo fugimos. Viemos embora todo o caminho a correr” (Hivi:14)

Aliás, de algum modo, essa resistência e luta, provavelmente interceptada por outros momentos e espaços de resistência e luta também, ao longo da sua vida, permitem-lhe consciencializar as suas vantagens, se não para a mudança, pelo menos para a não reprodução do sistema:

“Nesse dia que ela me bateu, eu fugi da escola. Fugi e não queria ir mais para a escola”. (Hivi:12)

“Acabava a escola e corriamos logo para casa. Toda a gente fugia porque ninguém queria trazer o saco dela...” (Hivi:14)

1.6. A escola como arena de luta entre diferentes ideologias e interesses

A escola é também um espaço de luta e tensões onde confluem interesses diferentes da sociedade mais alargada, interesses esses percebidos como

ideologias educativas (Wolpe, 1978: 312). Em determinado momento histórico, os equilíbrios de força de classe permitem a determinado grupo de interesses, apoiados na economia, pressionar o sistema educativo em direcção à sua própria ideologia e, portanto, decidir o que é que o sistema educativo formal vai transmitir às novas gerações.

Essas contradições presentes na escola podem ser analisadas a três níveis:

a) professores(as) diferentes tomam atitudes contraditórias com as alunas:

“A professora era muito má, credo! Fazia coisas que marcavam mesmo as crianças”. (Hivi:11)

“Uma vez uma das outras professoras meteu-se comigo e ela ficou chateada (...) A professora, coitadinha, nunca mais me disse nada”. (Hivi:12)

“Era tão boa professora! (...) E não aceitava nada dos pais. (...) Esta professora devia ser talvez da mesma idade da outra. Só que era mais alta, mais magra, com outro estilo de pensar e mesmo de vida.

(...) quando a minha mãe chegou à escola, a professora perguntou:

— Porque é que a sua filha não passou? Isto foi um crime que lhe fizeram” (Hivi:14)

b) interesses e expectativas dos pais que, por sua vez são também contraditórios:

“A minha mãe não fez nada. Nessa altura as mães eram assim: — Minha senhora, se ela não souber, atire-lhe para baixo.” (Hivi:12)

“Mas os nossos pais obrigavam-nos a ir à escola. Batiam-nos quando a gente não queria ir.” (Hivi:13)

“Só que os pais lá impuseram-se. (...) e ela foi expulsa.” (Hivi:15)

“Os nossos pais diziam-nos:

— Se vós ficardes sem saberler e escrever, depois um dia dais o valor.

Nessa altura os nossos pais eram todos analfabetos. E eles sentiram essa necessidade de obrigar os filhos...” (Hivi:15)

Através da questão da violência, podemos ainda sentir nesta história de vida a posição ambivalente dos pais da classe trabalhadora em relação à escola. Por um lado, são coniventes com a violência, aceitando as atitudes das professoras e mesmo utilizando-a para compelir a ida das crianças à escola. Essa “cumplicidade” com a escola tem por base a sua própria experiência que lhes sugere o “valor” que a escolarização pode ter na competição da vida adulta, aceitando que os seus filhos sofram as regras de jogo do sistema.

Também este noção do valor da escola é contraditória com a consciência de que os filhos estão em desvantagem com as crianças dos outros grupos sociais e que, por razões de ordem económica, cultural, etc., terão que abandonar a escola antes que esta lhes possa servir para o futuro. Os pais sonham mas vão vivendo a destruição desse sonho. Por outro lado ainda, naquilo que podemos chamar a destruição progressiva do sonho e das aspirações dos seus filhos, colocam as crianças a contribuir com o seu trabalho para o agregado familiar, reduzindo-lhes a disponibilidade para as actividades ligadas à escolarização.

c) os interesses e expectativas dos(as) alunos(as)/crianças:

“Para mim a escola primária foi uma fase muito marcante. Foi um tempo que não me ajudou em nada, pelo contrário! (...) Mas eu esperava que a escola fosse diferente! (Hivi:11)

1.7. A escola pode ser um espaço de “entusiasmo”

O entusiasmo pela escola parece, sobretudo relacionar-se com a relação pedagógica com o(a) professor(a) e com as experiências de sucesso:

“Quando repeti a 4.ª classe tive uma professora do Porto. Como eu, nesse ano, me entusiasmei tanto pela escola! Lembro-me do nome dela, tão bem! Chamava-se Maria José. (...) Encarregava-me de orientar os mais novos, da 2.ª classe quando estava ocupada com os da 4.ª.” (Hivi:14)

“E ela, quando faltava, era outra professora que ficava connosco. Eu gostava muito dessa professora. Essa quase nunca encontrava erros na minha letra” (Hivi:13)

No entanto, reconhecendo que não é só a escola que poderá alterar as relações sociais e a divisão sexual do trabalho, não podemos deixar de referir uma relação comunicativa e educativa dos indivíduos e dos diversos grupos sociais de que são originários, permitindo alguma mudança de

atitudes, através da alteração dos currícula expresso e oculto, o que poderá, ainda que de uma forma limitada, contribuir para a mudança. Se pode contribuir para a reprodução das consciências, a escola também poderá servir para produzir consciências novas.

2. FAMÍLIA ou A GENTE VIVIA AQUILO TUDO

No centro da nossa problemática está a família que tem sido objecto de várias abordagens no sentido de explicar, quer a sua génese e evolução, quer as características que hoje apresenta.

Para nós são insatisfatórias, tanto a explicação marxista tradicional que enfatiza a determinação económica como a análise funcionalista²² com ênfase nas exigências da evolução tecnológica, porque não fornecem uma perspectiva da situação da mulher no seio da família nem uma explicação de porque é a mulher que tem de estar fundamentalmente relegada para o espaço do lar. Pensamos que a família não é só um espaço de transmissão da herança. Apesar de ter características diferentes, a família está, hoje, presente em todas as classes sociais e em todas as formações político económicas.

Quer alguns estudos antropológicos, quer as feministas, têm-se debruçado sobre as sociedades que, em determinados momentos da sua história, não estavam centradas à volta do chefe de família masculino, o que aparece com a necessidade da transmissão da herança (Reed, E., 1969:25). Nestes estudos, paralelamente a um tipo de organização social não centrada na família patriarcal, a diferenciação de papéis, com a respectiva determinação dos atributos, não era feita segundo o género, ou pelo menos não na forma que hoje conhecemos na nossa sociedade (Mead, M. 1963).

O capitalismo avançado trouxe uma mudança na própria estrutura da família nuclear, assistindo-se ao aparecimento de outros tipos de famílias,

22. Os marxistas, sobretudo Engels, fizeram um estudo histórico da família, como uma instituição resultante da organização económica da sociedade, do seu regime de propriedade. Marx e Engels previram o seu desaparecimento com o fim da propriedade privada dos meios de produção. As correntes funcionalistas nomeadamente Parsons, consideram a família nuclear funcional à civilização industrial por proporcionar a estabilidade afectiva dos seus membros e a socialização das crianças, funções essas que são asseguradas pela mulher. No espaço familiar parsoniano, ao homem e à mulher são atribuídas, respectivamente, funções de instrumentalidade — o investimento da sua energia para a actividade profissional e competitividade em direcção à mobilidade — e funções de expressividade — apoio afectivo aos membros da família, educação dos filhos, conforto do marido, transmissão de valores e assegurar e apoiar a ligação dos filhos com o exterior. Esta divisão de tarefas seria resultante e funcional à especialização da sociedade industrial.

nomeadamente as mono-parentais, as “comunidades” e segundos casamentos com filhos de ambos os lados. No entanto, estes tipos de família, concretamente a de tipo nuclear, continuam a ser o grande suporte da construção social do género e, portanto, da inculcação quer da ideologia patriarcal, quer da reprodução do próprio sistema capitalista.

Coombs e Ahmed²³ remetem a família para a educação informal. Para nós, a família não se pode enquadrar neste conceito. Ela é, de facto, também uma instituição com propósitos educativos sistemáticos e conscientes dos pais para as suas crianças. Contudo não são estes objectivos a sua única razão de existência. A família é um espaço educativo alargado, onde as pessoas (não só as crianças) aprendem com a experiência, com os modelos, com a interacção.

2.1. Mão-de-obra feminina sem custos de reprodução

Para nós, a família não é uma unidade trans-histórica e imutável. Na nossa sociedade, a família sofreu alguma evolução na sua articulação com o modo de produção. Da família alargada passou-se para a família nuclear. Mas isto não significa dizer que a família nuclear é o único tipo de família no modo de produção capitalista. Este, numa interacção com os modos de produção anteriores, soube articular-se com lógicas diferentes, nomeadamente em zonas de capitalismo semi-periférico como Portugal.

A família constitui uma unidade de produção de valores de uso através do trabalho não-pago da mulher, uma unidade de consumo como principal alvo a quem se dirige a publicidade e a distribuição da mercadoria, e uma unidade de reprodução dos valores culturais, de relações de dominação, da divisão sexual do trabalho, reprodução diária da força de trabalho, reprodução da força de trabalho geracional.

Sem ser funcional, a família torna possível ao sistema — concretamente em Lourosa — pagar salários baixos, sobretudo às mulheres, já que os custos de reprodução destas não são incorporados no valor da sua força de trabalho.

Assim, os novos casais não só subdividem as casas familiares e constituem família num espaço reduzido como fazem esforços sobre-humanos para conciliar os horários de trabalho com as exigências domésticas e de educação das crianças:

“Como não tinham para onde ir, bateram aqui e ficaram no quarto do Pedro, e então tanto eles como nós dormíamos com os filhos.” (Hivi:22)

23. La Belle, op. cit..

“Muitas vezes a nossa vida é uma máquina. Começa logo de manhã até à noite, mas é preciso... Uma pessoa levanta-se a correr e deita-se a correr.” (Hivi:20)

2.2. Ideologia patriarcal ou “É um maricas!”

É no espaço familiar que nós podemos detectar a maior presença da ideologia patriarcal. Podemos aqui distinguir, seguindo de perto Barrett (ib:108), quatro processos pelos quais se efectua a reprodução da ideologia do género: *estereotipia, compensação, consentimento e recuperação*²⁴. Na vida de Maria, estes processos estão presentes, quer na sua família do passado, quer na actual, quer ainda na das mulheres que ela conhece.

a) Estereotipia:

É típico do estereótipo da masculinidade e da feminilidade apresentar os homens como “duros” e as mulheres mais “compreensivas”:

“O meu pai também ficava (contente), mas na nossa frente não dava a cara. (...)” Ele (o pai) era assim um bocado rude (...) É muito mais aberta a minha mãe, foi sempre uma pessoa mais compreensiva. (...) a minha mãe era muito retraída” (Hivi:17)

As mulheres, na sua maioria, sentem que são o suporte afectivo e emocional no lar. Em nosso entender, este sentimento é antes produto do estereótipo da feminilidade e não uma divisão funcional como afirma Parsons. Por outro lado, os divórcios aumentam — a pedido dos maridos — e as mulheres, pelas suas condições económicas, já nem podem ficar com os filhos. A ideologia desmascara-se, pois quando a questão do dinheiro se coloca, as mulheres já não são a única pessoa que pode “possuir” os filhos.

24. *Falamos de estereótipia na forma rígida e limitada com que as diferenças de género são apresentadas, quer ao nível dos mass-média, quer nos manuais escolares... Aqui, a imagem da mulher como objecto sexual ou rigidamente limitada aos seus papéis no lar, tem sido bastante documentada pelas feministas a nível internacional e também em Portugal.*

Entendemos por compensação a tentativa de apresentar imagens e ideias sobre as mulheres “para elevar o valor moral da feminilidade” (ib:109): a ideologia do amor romântico, da domesticidade, da rainha do lar, da santa dos filhos, contrapondo-se à imagem de prostituta, ou à masculina e indesejável mulher competitiva e profissional.

Por consentimento entendemos a forma como as mulheres aceitam e são cúmplices da sua opressão. Não consideramos as mulheres como inocentes e vítimas passivas da sua situação. Mas, mesmo nesta questão, temos de distinguir entre o que se diz sobre o conluio das mulheres e aquilo em que elas de facto consentem, o que não pode ser desligado de questões como a sexualidade, a afectividade, etc...

Com recuperação queremos significar o processo pelo qual se estabelece a apropriação de algumas mudanças operadas pela luta das mulheres e recuperadas para os estereótipos, o que é mais evidente nos anúncios — “activa, mas sempre impecável!”

“em casa tenho de ser o homem e a mulher” (Hivi:22)
“É sempre o homem que abandona a casa” (Hivi:22)

b) Compensação:

As mulheres sonham deixar o trabalho — e, de facto, este não é o caso que se pode chamar um “trabalho libertador” — para vir para casa cuidar da família. “Mas é um sonho” porque muitas necessitam do salário para o sustento da família:

“Há mulheres que sonham vir para casa... É claro, é só sonhar porque consoante está o custo de vida, o salário não dá.” (Hivi:22)

Sonhando ou não, a maior parte das mulheres vem para casa ainda que temporariamente, sobretudo por causa da gravidez e/ou para cuidar dos filhos quando se torna insustentável pagar infantários ou amas — o que contribui para a sua instabilidade no trabalho:

“(...) engravidei com o Pedro e vim para casa todo o tempo.” (Hivi:30)

“Havia também uma mulher que ia sair de lá da fábrica para tomar conta do filho” (Hivi:31)

“A minha mãe deixou de trabalhar quando eu nasci. Tinha bastante trabalho só para ela. Nós somos muito chegados uns aos outros e alguns dos filhos eram muito doentes.” (Hivi:18)

Mais ainda, a compensação apresenta, por um lado, a maternidade como um mundo idílico (ligado ao culto mariano), ao mesmo tempo que as diferentes fases da vida da mulher, ligadas à procriação, são vividas (aprendidas) de uma forma muito sofrida — menstruação escondida e vergonhosa, dores de parto, angústia e crise da menopausa. Este sofrimento expande-se a todas as vivências da mulher, esperando-se que ela aguente, mesmo sofrendo, as situações difíceis da vida — “o destino de ser mulher” (Teresa Joaquim, 1983).

c) Poderíamos também falar de **consentimento**, já que muitas mulheres assumem completamente o estereótipo de esposa e mãe — mesmo trabalhando na fábrica, muitas vezes à custa da sua própria saúde:

“Mas elas não aceitam ideias de que o homem deve trabalhar em casa, para elas é uma baixeza: — Ai, é um maricas.” (Hivi:20)

2.3. Violência ou “A gente vivia aquilo”

Através da história de vida daquela mulher, podemos constatar que a sua família constituía um modelo “típico” das relações patriarcais de dominação com um pai autoritário e repressivo, que chegava “a dar pontapés na mãe quando ela estava grávida”; com a mãe que, por lhe “competir” as questões da educação dos filhos, lhes batia para irem à escola e cumprirem as tarefas domésticas:

“Eu lembro-me da última malha que a minha mãe me deu. Tinha 13 anos (...) Agarrou num troço e toca a bater-me.” (Hivi:17)

— O meu pai — “Batia muito na minha mãe. A minha mãe de bebé e ele até os pés lhe calcava” (Hivi:17)

2.4. Divisão sexual do trabalho ou “eles vestem-se e piram-se para o café”

As tensões na família, qualquer que seja o tipo, têm, a nosso ver, relação com a divisão sexual do trabalho e a diferenciação de papéis que coloca o homem e a mulher submetidos a uma ideologia patriarcal de que os homens tiram proveito mas, em última instância, não beneficia ninguém.

Na história de Maria, aos rapazes não era exigido nenhum trabalho doméstico, nem enquanto andavam na escola, nem enquanto andavam a trabalhar. Está também muito explícito que ela e a irmã foram muito sacrificadas porque eram as mais velhas: sacrificadas nas tarefas domésticas, na escolha da profissão, no abandono escolar para contribuir para o sustento da família com algum salário:

“Eu lembro-me de quando tinha 9 anos já cozinhava para todos. A minha mãe sala e marcava-nos as tarefas. Quando chegasse queria aquilo tudo pronto. Se não estivesse, havia pancada.” (Hivi:17)

Se as coisas assim se passavam quando Maria era criança, muita coisa se mantém hoje, nalgumas famílias que ela conhece. A divisão sexual do trabalho na família está ainda muito presente — carregando as mulheres com as responsabilidades domésticas e da educação dos filhos, e os homens indo para o café depois do trabalho:

“Eles chegam a casa, vestem-se e piram-se para o café, enquanto que a mulher está no duro em casa” (Hivi:22)

“O trabalho doméstico é sobretudo para a mulher, os homens não faziam nada daquilo. Antigamente, se a minha mãe dizia a um dos meus irmãos para fazer qualquer coisa, o meu pai vinha logo por eles. Eles nunca fizeram nada”. (Hivi:18)

2.5. A aprendizagem dos papéis sexuais ou “... se estava um bocadito mais escuro, ele começava logo a ralar!”

A nosso ver, a família representa então um espaço educativo importante. Pelos modelos a que as crianças são expostas e pelo controle parental dos comportamentos, atitudes, valores e normas, a família desempenha um papel relevante na inculcação de estereótipos da feminilidade e masculinidade.

“Do meu pai só me lembro de apanhar uma vez, mas a gente tinha muito mais medo dele do que da minha mãe”. (Hivi:17)

“A minha adolescência foi vivida em casa”. (Hivi:18)

“(...) eu namorava e o meu pai, se eu chegasse e estivesse assim já um bocadito escuro, ele começava logo a ralar”. (Hivi:19)

A família educa também as raparigas a ficar no interior, brincando às casinhas e às bonecas, miniaturas dos seus “instrumentos” futuros, a co-responsabilizar-se com as mães, a silenciar-se.

“(...) os rapazes podiam sair a qualquer hora, mas as raparigas não. As tantas horas tínhamos que estar em casa.” (Hivi:19)

2.6. Uma sexualidade escondida

A divisão sexual do trabalho repercute-se na sexualidade do casal, onde a mulher, cansada à noite, “já não tem disposição para nada” e ainda por cima é alvo das críticas do marido:

“— Tu dantes não eras assim.” (Hivi:21)

Uma das questões geralmente tratada como foro privado é a questão da sexualidade. O estereótipo apresentado nesta área é tão distante da experiência real das pessoas como qualquer outro — a apresentação da mulher como passiva e o homem como activo, a confinção da sexualidade à

procriação, a negação da sexualidade feminina, a repressão mais restrita para as raparigas.

A mãe falou com ela sobre a menstruação, não para lhe explicar mas para a avisar para ter cuidado na fábrica e “esconder as trouxas dos irmãos”.

“Quando me veio a menstruação, a minha mãe já me tinha falado qualquer coisa sobre isso. Mas as nossas mães não eram tão abertas como hoje. Ela chamava-me e dizia:

— Olha, vou dizer-te uma coisa: tu sabes que quando tal vais ser mulher. Já tens lavado a nossa roupa, sabes muito bem como é. Vais ter que ter muito cuidado na fábrica por causa dos homens e vais ter de esconder dos teus irmãos quando te vier a “tenda”.

— ela não dizia menstruação, dizia “tenda”. (Hivi:19)

A ausência de prazer por parte das mulheres no casamento tem sido bastante estudada e documentada²⁵:

“— Quando chega a noite fico logo triste, porque o meu homem quer ter relações quase todos os dias.” (Hivi:21)

“— O meu homem quando quer ter relações sexuais vem e quando está satisfeito abandona logo. E isso para mim é um frete.” (Hivi:21)

“— Ele, às vezes faz desta maneira, daquela, mas eu já estou tão saturada que digo assim: “estás satisfeito? Agora sai.” (Hivi:21)

“— O meu homem nunca me perguntou nada.” (Hivi:21)

2.7. A mudança possível ou “Aceitar, não aceita, mas vai-se deixando levar”

Mulher consciente em que se tornou, Maria é-o duplamente:

- em primeiro lugar, consciente de que é necessário mudar a vida;
- em segundo, que nem tudo se faz de uma só vez (aquele bom senso-comum).

Ela conheceu o marido nos grupos de pares da sua irmã mais velha, “quando era muito tímida e muito fechada” (Hivi:19). Foi fazendo com ele

25. Veja-se o Relatório HITE, entre outros.

um percurso a dois e, hoje, conquanto “tenha problemas derivados de sair de casa à noite para as actividades dos grupos” (Hivi:20), ele vai-se deixando levar (Hivi:20). Partilham as tarefas domésticas e apoiam-se mutuamente nos aspectos afectivo e emotivo (Hivi:20), vivendo uma sexualidade mais partilhada:

“— Olha, o meu homem não é assim. Temos relações quando um e outro está com disposição de fazer o acto. Depois, se ele vem primeiro que eu, faz os possíveis para que eu também sinta o prazer. Antes estamos assim na brincadeira, a falar um pouco de amor, e ao fim ele pergunta-me se eu estou satisfeita.” (Hivi:21)

Ele até já participa também nos piquetes de greve que “o entusiasmou muito” (Hivi:20).

Maria está hoje também interessada em estudar a questão da educação para o filho, de forma a que seja diferente da que recebeu. Está inclusivamente interessada em estudar a sexualidade infantil e fazer um diaporama para ser discutido no grupo de mulheres. As mudanças que ela conseguiu não foram só com o marido. Também a mãe mudou e hoje aceita e entusiasma-se com as suas actividades. Até o pai já não está tão autoritário (o que pode também ser apenas uma questão de idade).

Pequenas ou grandes mudanças? Que teoria poderá vir a conceptualizar este tipo de família onde se partilham as tarefas domésticas e da educação dos filhos, com uma nova vivência da sexualidade, na aceitação do prazer da mulher e do seu direito a decidir sobre o seu corpo?

3. O LOCAL DE TRABALHO ou VIRADAS PARA A PAREDE

Para nós, interessadas nas mulheres trabalhadoras, o local de trabalho aparece como um espaço importante da educação na formação das subjectividades, cimentadas nesta teia de relações onde a diferenciação de género parece o denominador comum nos espaços de vida das mulheres.

São várias as explicações sobre a situação das mulheres no trabalho. As correntes que tratam as questões da estratificação social justificam as posições ocupadas pelas mulheres como resultantes da sua predisposição individual para a não competitividade, para as recompensas intrínsecas (mais afectivas, mais voltadas para o lar) e conseqüentemente desprezando as recompensas extrínsecas, não fazendo o mesmo investimento que os homens no trabalho fora de casa, nem na carreira profissional (Turner, cit. por Wolpe, 1978:297).

Nesta perspectiva, esta situação é-nos dada como uma evidência, sem necessidade de explicação, ou então é apresentada uma explicação redutora e subjectivista da “natural” diferença de sexos.

Consideramos que as análises marxistas tradicionais, centradas na contradição capital-trabalho, ou seja, na luta de classes, escondem a situação da opressão das mulheres, tratando-a tangencialmente, i. é, apenas quando estão directamente ligadas à produção. Mais ainda, como a definição de classe inclui também a posição das famílias, as mulheres ficam assim situadas numa estrutura de classes como *apêndices do marido, ou do pai*, mais uma vez escondidas na situação familiar (Beechey, 1978:186).

A situação das mulheres no mercado de trabalho é conceptualizada pelos weberianos, Barron e Norris, como o resultado da existência de um “mercado dual”: por um lado um mercado primário com salários relativamente altos, mobilidade vertical, melhores benefícios, alto grau de segurança no emprego; e, por outro, um mercado secundário com baixos níveis salariais, condições de trabalho degradadas, mobilidade horizontal e segurança precária no emprego.

Segundo estes autores, as mulheres encaixar-se-iam no nível secundário porque:

- são trabalhadoras facilmente dispensáveis, voluntaria ou involuntariamente;
- as diferenças sociais entre elas são visíveis;
- não se mostram interessadas em adquirir formação, experiência profissional e recompensas económicas;
- não são solidárias com os(as) seus(suas) companheiros(as) de trabalho (ib:158).

Apesar da relevância de Barron e Norris na ênfase das características da força de trabalho feminina, a sua análise apresenta algumas insuficiências:

- esquecem que as mulheres estão presentes em diferentes sectores da economia, quer vertical, quer horizontalmente;
- ignoram as determinantes da procura de trabalho feminino no sector do Estado;
- colocam a dinâmica do mercado como determinante da posição das mulheres (ib:177).

3.1. Exército de reserva

Partindo do trabalho de Jean Gardiner (1978:184), a situação da mulher na produção caracteriza-se por uma força de trabalho pior paga, de um modo geral menos qualificada, com menores custos de reprodução — porque pressupostamente incluídos no trabalho masculino e na família — que enquadra a mulher no seu papel de esposa, mãe, trabalhadora

doméstica, produzindo valores de uso. As mulheres constituem, então, uma das principais fontes de exército de reserva (em qualquer das suas formas conceptualizadas por Marx — flutuante, latente ou estagnante — sobretudo as mulheres casadas e que Maria refere diversas vezes).

Esta situação específica da mulher na família faz com que seja um tipo de trabalhadora facilmente dispensável porque reabsorvida nas tarefas do lar e da educação dos filhos, retirada até da estatística dos desempregados. Mais ainda, a ideologia de que é o homem o sustento do lar esquece e esmaga o conjunto das mulheres sozinhas, mães solteiras, viúvas, divorciadas, com os maridos desempregados ou com os maridos que não contribuem para as despesas da família.

Esta menor mobilidade e dispensabilidade aparece bem ilustrada na história de vida:

“Os homens também trabalham na cortiça, mas têm outros empregos e além disso saem mais para outros lados enquanto que a mulher fica assim por aqui.” (Hivi:28)

“As pessoas despedem-se porque não aguentam, mesmo as que estão lá efectivas estão a sair. (...) Eles vão para o calçado e depois vêm para a cortiça. Se tornarem a ficar desempregados tornam a ir bater ao calçado.” (Hivi:26)

3.2. Dupla exploração

Consideramos que algumas condições específicas de trabalho que encontramos em Lourosa são devidas, por um lado às características de semi-proletariado e, por outro, ao facto da grande maioria dos trabalhadores da cortiça ser constituída por mão-de-obra feminina. A humilhação e o controle de que estas trabalhadoras são alvo reflectem a forma como a ideologia patriarcal se entretete no modo de produção capitalista e empurra estas mulheres para uma situação de sobre-exploração intensiva da sua mão-de-obra em condições de opressão muito “marcantes”. Esta sobreexploração ou dupla exploração manifesta-se pelo controle desenfreado da produtividade que se expressa pela “tabela” que têm que cumprir, pela supervisão de que são alvo, pelos 10 minutos para comer e ir à casa de banho (controle este que, nos exemplos aqui citados, não atinge os homens).

“... há 10 minutos para nós irmos à casa de banho e lanchar, enquanto que, para os homens não é assim.” (Hivi:27)

“... a nós exigem uma tabela e a eles não” (Hivi:27).

3.3. Condições de trabalho ou “nove horas bem chatinhas”

As incríveis condições de trabalho, tão bem documentadas nas entrevistas e na história de vida de Maria parecem-nos não ser específicas a esta fábrica mas, com aspectos variados em função da particularidade de cada situação, podemos encontrá-las por todo o interior do país onde a industrialização, só agora e muito lentamente, tem vindo a misturar-se com os outros modos de produção locais, sobretudo no Norte.

“Agora as pessoas estão cheias de trabalhar na cortiça, cheias de ouvir os patrões, cheias de ouvir os filhos... (dos patrões) Eu, por exemplo, tenho-me visto à rasca da saúde, principalmente de Verão. Durante o ano, o mês que me custa mais trabalhar é o mês de Junho que é quando começa o primeiro calor. Ai, custa-me tanto trabalhar. Faço um sacrifício! A minha secção é só de máquinas, é muito quente. O telhado é uma parte de vidro e outra de fibra de cimento. Não tem luz nem nada. Quase todos os anos caio com o fanico”. (Hivi:26)

“Aqúilo está muito difícil. Tem muito pó e muita poluição. Há secções onde há muitos produtos químicos. Este ano nós já pedimos uma inspecção de trabalho e uma comissão da Delegação de Saúde. Quando eles foram lá, viram muitas pessoas a comer nas secções ou no “refeitório” que fica por cima da colmatagem! Ui! Deita um cheiro! É que as rolhas muito fracas são tratadas com pó e cola. E a inspecção disse que eles tinham que fazer um refeitório novo. Os patrões já disseram que, quando estiver pronto, as pessoas têm que ir para lá comer. Até porque depois é um centro de convívio. Agora, estamos ali a comer, assim... Aquele pó, a cair... É uma alegria!” (Hivi:26)

“Não há higiene nenhuma. Quando vamos tirar a apara, quando chegamos à noite, queremos dormir e não conseguimos com as dores nos olhos. Ficam assim todos vermelhos”. (Hivi:26)

3.4. Mulheres e classe social ou “a rolha não se queixou”

Como já dissemos, não consideramos as mulheres como classe social, embora as consideremos uma categoria social com muitos aspectos em comum. No que se refere à classe social, este é um ponto de divisão entre as

mulheres, o que tem dificultado a sua luta. Pela história de vida de Maria perpassam exemplos bem significativos desta divisão de classe, de como podem ser mulheres a exercer o controle e a dominação, quando está em causa a propriedade privada.

As mulheres trabalhadoras aprendem que nem todas as mulheres têm iguais objectivos de classe (a filha do patrão, a encarregada):

“A filha do patrão ficou de puteira comigo e embirrou dizendo que eu tinha calcado uma rolha. Eu não senti nada e a rolha não se queixou! Então, ela virou-se para a empregada e disse:
— Ó Donzília, ponha essa mulher a apanhar rolhas.” (Hivi:30)

“Ali a maioria está na escolha à máquina. Também há meninas bonitas que estão na banca como antigamente.”²⁶ (Hivi:30)

3.5. Discriminação de género ou “As mulheres são muito mais vigiadas”

As mulheres de Lourosa são alvo de atitudes discriminatórias:

a) quando vão procurar emprego, a gravidez constitui um obstáculo:

“Eles agora estão a despedir as mulheres que têm contrato e andam grávidas. Agora quando alguma mulher vai pedir trabalho, ele pergunta:

— Vais casar? Andas grávida?

Se estiver casada ou andar grávida já não arranja trabalho. Todos os patrões estão a fazer assim”. (Hivi:28)

b) ao nível dos despedimentos, a discriminação é visivelmente imbuida de ideologia patriarcal, pelo controle “moral” dos comportamentos das raparigas cuja lógica não pode ser explicada pelo capitalismo:

“Se não lhes agradam, manda-nas embora. Se começam a não gostar do ambiente²⁷ dela (...)”

“Então algumas que fumavam, despediu-as sem acabar o contrato”. (Hivi: 27)

c) ao nível dos salários, mesmo quando a lei e o contrato colectivo determinam o contrário, recebem salários inferiores aos dos homens de uma forma geral, mesmo fazendo os mesmos trabalhos:

26. *Estar na banca, ou seja, não estar sujeito à velocidade das máquinas, portanto, um trabalho mais folgado.*

27. *Sublinhado nosso*

“... na colmatagem e na lavação há homens e mulheres. Aquelas mulheres tinham direito ao mesmo salário do homem e não ganham”. (Hivi: 27)

“O contrato é o mesmo mas os patrões agora estão a dar mais dinheiro aos homens. Estão-lhes a dar um prémio. dão aos homens, às mulheres não. Há mulheres que trabalham muito mais que os homens. Por exemplo, as mulheres “manobras” trabalham muito mais do que um broquista”. (Hivi: 27)

d) — maior pressão para a obediência e disciplina do que aos homens — são extremamente castigadas as que exigem o cumprimento das regalias que lhes estão consignadas na lei — são “viradas para a parede”, colocadas a trabalhar de pé, mudadas de categoria, colocadas a apanhar rolhas do chão, etc., etc., — mesmo que isso signifique baixar a sua produtividade.

“Aqui há uns anos atrás, fizemos uma greve geral em Fevereiro. Lá na minha empresa fizemos greve 18 mulheres. No outro dia fomos pegar, ficamos todas viradas para a parede. Então nesse dia chegamos lá e ela disse:

— Vós ides-vos virar ao contrário”. (Hivi: 29)

“... nessa altura, ficaram 3 ou 4 máquinas paradas para nós não falarmos com ninguém. Quando voltamos a fazer greve já só entramos 8. Tornamos a ser castigadas, viradas para a parede. Muitos dias, não sei se foi um mês”. (Hivi: 29)

“Andei 15 dias a apanhar rolhas do chão. A fazer trabalho de uma manobra”. (Hivi: 30)

“Sou corticeira, sou escolhedora, mas estou fora da minha secção desde que comecei a exigir umas certas coisas aqui, na fábrica, ao patrão.”(Hivi:25)

“Entretanto fui mudada de secção. É melhor porque não temos a filha do patrão a chatear-nos a cabeça, mas é uma secção só de máquinas, muito mais barulho e muito mais pó.” (Hivi:30)

“Depois das férias quando fui pegar, fui logo mudada de secção. Estou lá já há 2 anos. Estamos lá o grupo todo.” (Hivi:30)

“Quando recebi a férias, em vez de me pagarem em notas de 5 mil como às outras, pagaram-nos tudo em notas de cem.” (Hivi:30)

e) — sexismo e estereotipia muito presentes e que se revestem até de formas caricatas:

— a patroa seguia as trabalhadoras até ao café para ver quem fumava. É claro que os homens podem fumar mesmo durante o trabalho, quando quiserem, só têm que dirigir-se à casa-de-banho (devem estar mais preocupados com a saúde das mulheres!);

“Houve uma fase em que a filha do patrão seguia as moças que iam ao café para ver quem é que fumava.” (Hivi:27)

— imposição da forma como elas se devem sentar — imposição essa feita aos berros e com palavras grosseiras impedidas sequer de dirigir a palavra às companheiras;

“Uma colega minha pôs-se assim de lado. Nem estava sequer a olhar nem a falar, só a trabalhar. Só porque estava numa posição diferente, ela pôs-se aos berros lá do fundo, numas alturas!...” (Hivi:27)

3.6. Cuidar dos outros

No que diz respeito à actividade sindical das mulheres e à sua solidariedade de classe, alguns estudos parecem indicar que o tipo de lutas e activismo são diferentes em relação aos seus companheiros de classe. O que parece é que as mulheres estarão mais preocupadas com as regalias e a diminuição da jornada de trabalho e os homens com aumentos salariais e diminuição da semana de trabalho (Barrett, 1980:171; Purcell, K., 1979: 112).

É interessante, a nosso ver, notar a forma como elas lutam pelas regalias que estão na lei — tempo para ir ao médico, para cuidar dos filhos ou familiares doentes. Se é verdade que isto pode constituir motivo de discriminação por parte da entidade patronal, esta discriminação não pode ser vista, como querem Barron e Norris, como causada pelas próprias mulheres, mas no facto de lhes ser atribuído o principal papel de tratar da saúde dos filhos e familiares, em detrimento da sua, e ainda porque o próprio modo de produção capitalista não permite à classe trabalhadora tratar da sua saúde e do seu bem estar, a não ser que isso a impeça de produzir.

“Eles não lhe pagavam o tempo que ela foi ao médico com o filho.” (Hivi:30)

“A certa altura ele deixou de pagar os retroactivos aos trabalha-

dores mas nós reclamamos porque temos esse direito. Metemos o caso em tribunal. Éramos só 3.” (Hivi:29)

“E a vida das mulheres ainda é mais dura. Elas muitas vezes têm que faltar por causa dos filhos. Os filhos estão doentes, têm que ir as mulheres, os filhos vão à vacina, têm que ir as mulheres, a mulher está grávida, não pode ir o homem.” (Hivi:27-28)

3.7. A aprendizagem para o trabalho ou “Os rapazes seguem a profissão do pai, as raparigas a da mãe”

Ao mesmo tempo que se apresenta a família como o lugar da mulher, com as suas funções de cuidar dos outros, de facto, nas classes trabalhadoras as crianças, rapazes e raparigas, vão trabalhar muito precocemente. Os rapazes são educados para seguir os modelos profissionais masculinos, as raparigas os femininos.

Maria queria aprender corte e costura e ainda andou numa modista, mas “como era das chegadas aos mais velhos, os pais não tinham possibilidades de a ter em casa” (Hivi:18), isto é, não podiam prescindir da contribuição do seu magro salário.

Em Lourosa, as raparigas aprendiam a ser corticeiras como as mães. Maria e a irmã aprenderam em casa. A mãe pediu rolhas ao patrão e levou para casa para lhes ensinar a escolher (Hivi:25). Os rapazes, com o pai, aprendiam a trabalhar com a “a pá e a talocha” para a construção civil (Hivi:25). Hoje muitas crianças são iniciadas no trabalho da cortiça nas próprias fábricas, em condições de violência e humilhações incríveis (Hivi:28) e nem os homens nem alguns familiares das próprias crianças reagem a essas desumanidades. A própria Maria ensinou alguns adolescentes. Outros, agora, vão para as escolas de formação.

Hoje, a expansão da indústria do calçado na zona parece, pelo menos momentaneamente, constituir uma alternativa à cortiça, além de representar menos poluição, menos barulho.

3.8. Consciência para a luta

A fábrica ensina-lhes o medo, a repressão, a obediência, os estereótipos de género, mas Maria aprendeu a consciência de classe, a consciência como mulher, a organização colectiva, como forma de luta, a atenção e o cuidado para com os outros, a solidariedade, o carinho, pelo que podemos considerá-la uma intelectual orgânica das mulheres da classe trabalhadora de Lourosa.

Ela aprendeu:

— com as idas ao tribunal, as greves, as vigílias, a actividade sindical (por “outros mecanismos”), a confrontação com a GNR, com os castigos e humilhações, reagindo com humor, leveza, à-vontade;

— com a resistência diária ao controle, às exigências de “trabalhar com as duas mãos”, etc. ; ;

“Eu prefiro ir embora, mas trabalhar com as duas mãos, não trabalho, porque eu não sou nenhuma máquina, sou humana” (Hivi:26).

— na solidariedade para com as colegas, ajudando-se mutuamente para cumprir a tabela e noutras questões concretas da fábrica:

“Uma outra vez fui a tribunal para ser testemunha de uma colega minha.” (...) “Nós ainda fomos outra vez a tribunal porque eles não nos queriam pagar os dias de Carnaval” (Hivi:30)

Consideramos, assim, que não existe apenas uma determinação estrutural mas que as trabalhadoras encontram espaços de resistência e luta, quer na relação com as suas colegas de trabalho, quer em relação ao trabalho sindical. Espaços de luta e autonomia que contribuem, da mesma forma, para a construção das suas subjectividades e para a tomada de consciência de possíveis espaços de mudança.

4. OS PARES ou ESPAÇO PARA CONVERSAR

Os pares são um espaço educativo informal²⁸, onde as pessoas se agrupam por afinidades — idade, sexo, posição no trabalho ou nas instituições, alguns interesses encontrados em comum. Estes grupos são formações espontâneas, gerados no interior das diferentes instituições — escola, fábrica, família — , mas que não se circunscrevem a elas, atravessando muitas vezes os diferentes espaços formais.

Nestes grupos, os indivíduos interagem com os seus iguais, constituindo espaços, quer de aceitação de determinações sociais pela (re)apropriação das normas, valores, culturas, quer espaços de crítica, resistência, fuga, construções alternativas a essas mesmas determinações.

Mas os grupos de pares são, muitas vezes, alvo do ataque dos mass-media e das diferentes tentativas de recuperação das ideologias. Os sujeitos sofrem as influências sociais da família, da escola, do trabalho, da moda,

28. Ver nota 16.

publicidade, literatura, etc. , mas é neste espaço, entre os seus iguais, que eles podem (re)afirmar, (re)elaborar essas influências ou lutar contra, constituindo-se como indivíduos singulares ao mesmo tempo que são representativos do todo social, na confluência de todos estes factores.

Vale a pena aqui referir a influência da ideologia patriarcal, nomeadamente o sexismo, na construção da feminilidade e da masculinidade. É já um lugar-comum falar de certos estereótipos:

- o cor-de-rosa para as meninas / o azul para os rapazes;
- jogos de bonecas e casinhas para as meninas / jogos e brinquedos de força para os rapazes;
- jogos em espaços interiores para as meninas / jogos exteriores para os rapazes;
- exigência de compostura e decoro para as raparigas / maior liberdade e aceitação da postura dos rapazes;
- ênfase na aparência física das raparigas — o asseio, o “bonito” com a influência da moda, sobretudo na adolescência, o que constitui um elemento importante na sedução enquanto objecto de desejo masculino / uma aparência mais cuidada em termos da sua actividade profissional e que neste momento se reconhecem indícios do investimento da publicidade como forma de seduzir as mulheres;
- tratamento diferencial e ambivalente para rapazes e raparigas: as mulheres são hiper-protegidas e bastante acarinhadas mas preparadas desde muito cedo para as responsabilidades, o cuidar dos outros, o suporte afectivo, habituando-se a prescindir de si próprias / dos rapazes espera-se que aprendam a ser combativos, duros, aventureiros, ao mesmo tempo que são, durante toda a sua vida, apoiados afectiva e emocionalmente pelas mulheres (mãe, irmã e esposa);
- a literatura, banda-desenhada e filmes revestem também um tratamento diferenciado conforme os sexos: para as raparigas encontramos o mito do amor romântico, o príncipe encantado, enredo baseado nos sentimentos, aparentemente muito próximo da realidade / para os rapazes mais acção, mais aventura, menos presença de personagens femininas (Sharpe, 1976:96-103).

Também face a estes estereótipos, os pares são espaços de discussão e crítica que levam, por um lado à desestruturação desses mitos (o que permite a abertura a uma nova estruturação) ou, por outro, a um consentimento no sentido da aceitação. Este consentimento é, muitas vezes, completado com processos de compensação²⁹.

Pela ideologia patriarcal da construção da feminilidade, poderia esperar-se que Maria se tivesse tornado numa mulher passiva, obediente, sub-

29. Ver conceitos de ideologia, nota 24.

missa, humilde e imbuida dos padrões tradicionais. Eram estes os comportamentos que a escola, a família e a fábrica que a educaram esperavam dela.

Os grupos de pares, pela sua transversalidade em relação às instituições que atravessam e entrecruzam, constituem lugares privilegiados de troca e de convívio. Nesta análise, diferentemente dos outros espaços, não lhe atribuímos uma sequência horizontal, antes essa transversalidade de que falamos, pelo que neste “espaço” educativo se encontram momentos de todos os outros. Em face disto, também a nossa categorização teve que ser “transversal”, indo buscar à história de vida os momentos de informalidade das relações com os seus iguais. Tentando que o tratamento tivesse também essa informalidade, retiramos os títulos das categorias do próprio discurso de Maria e não da teoria, conforme fizemos nos outros espaços.

4.1. “Espaço para conversar... e para brincar”

Na infância, que refere muito restringida ao espaço familiar e escola, quase não se recorda de bons momentos. Refere apenas um com a mãe (Hivi:18). Não se lembra de ter brincado, mas subentendem-se as suas relações com os pares:

“... e nós ficávamos muito desanimadas. (...) e nós toca a fugir.”
(Hivi:14)

A entrada na fábrica representa, para Maria, a abertura a novas perspectivas, isto é, deixa de estar reduzida aos espaços e às relações familiares:

“Aprendi muito com uma colega... ela era muito alegre, engraçada e expansiva. Aquilo que ela fazia eu também fazia” (Hivi:28)

Os pares adolescentes, nomeadamente esta colega, representam a primeira oportunidade de brincar (já tardia) com os seus iguais. É com as colegas que ela aprende e discute as questões da menstruação e do crescimento do corpo (até aí, da menstruação só tinha aprendido a lavar a roupa da mãe e das irmãs). Só com 18 anos é que começou a sair de casa com a irmã mais velha, mesmo assim com limitações de sair à noite pelo facto de ser mulher. Os seus espaços de acção estavam confinados à família e ao trabalho.

4.2. “Aquilo foi uma barraca do caneco”

Estas mulheres não se deixam vencer pelas humilhações e encontram no humor uma das principais armas:

“... aquilo foi uma barraca do caneco, (...) Para nós foi uma risota.” (Hivi:29)

(o episódio das “notas de cem”) “— Ó Carolina, não vás embora que eu tenho medo de ser assaltada — e com a patroa ao meu lado”. (Hivi:30)

Na fábrica, Maria participa nas lutas sindicais de uma forma activa com outras mulheres. Enfrentou, com elas, momentos de luta organizada, greves, manifestações, onde considera que fez grandes aprendizagens. Aprendeu que a mulher se pode construir de uma forma mais completa na interrelação. Sofrem castigos e humilhações mas transformam esses momentos em espaços de crítica, resistência e de alterações das determinações dos estereótipos.

4.3. “Faz-se de conta que foi uma escola para mim”

Podemos considerar os castigos de que foi — e é — vítima (três anos de isolamento, virada para a parede) como espaços de desestruturação de estereótipos e estruturação de novas concepções de vida. Ouvindo experiências de vida diferentes, discutindo filmes, entusiasmando-se com outras formas de sentir e de viver diferentes daquelas que os determinismos sociais pareciam querer encaixá-la.

4.4. “Estou assim mais consciente”

Neste relacionamento com os seus pares aprendeu a ser “reguila”, a estar informada, a informar-se e a informar os outros... conquistou o carinho e a estima das suas colegas. Como mulher, quer na fábrica quer nas suas relações mais espontâneas, coloca-se numa atitude de ouvir e de se interessar pelas suas iguais, discutindo questões como a sexualidade, divórcio, relacionamento com os maridos, educação dos filhos, tratamento do corpo, problemas laborais, etc., ouvindo e dando opiniões, sem tentar convencer. Este posicionamento é comum em todos os espaços da sua vida (grupos de pais, comunidade Lourocoop, autarquias, etc.):

“A mulher trabalhando é muito mais livre (...) nem o homem não pode cantar de galo” (Hivi:22)

“Não me falem em casa!” (Hivi:22)

Ela não aceita como destino a desigualdade social e nomeadamente a

diferenciação social do género, por isso luta e compromete-se num processo alternativo:

- manifestando uma forte solidariedade, quer defendendo as colegas (tribunal, ...), quer trabalhando com elas no sentido de encontrarem as respostas alternativas e possíveis para os seus problemas;
- construindo uma nova distribuição de papéis dentro da sua família actual, com o marido;
- construindo com o filho, uma nova relação educativa.

O grupo de mulheres, em certo sentido, é também um grupo de pares, na medida em que as unem fortes interesses comuns e preetende ser um espaço em que a mulher se sinta à-vontade, sem grandes constrangimentos.

Por tudo isto, achamos que os grupos de pares são um espaço educativo importante, constituindo um lugar propício ao exercício da crítica e à construção de novos valores.

5. GRUPOS DE MULHERES

Um dos mitos sobre a mulher é a não militância política e sindical (Purcell, K., 1978:113). Mas, de facto, quer a história do movimento sufragista, quer a actividade dos últimos anos dos movimentos feministas, quer ainda o aumento da participação na actividade sindical, parecem indicar que as mulheres participam na vida política e sindical mas não da mesma forma que os homens, nem nas mesmas organizações tradicionais.

Historicamente, os grupos de mulheres tem-se caracterizado por:

- uma autonomia político-partidária;
- tornar públicas as questões privadas como a sexualidade, a violação, a violência, o trabalho doméstico;
- a relação entre o particular e o geral — relevância dos valores, sentimentos e interesses particulares e a sua relação com o social (família, trabalho, instituições, legalidade, sindicatos...);
- recusa de qualquer forma de institucionalização das suas acções e organizações pelos riscos de controle e questões de poder consequente;
- informalidade em relação aos seus membros, às reuniões, ao que fazer;
- tolerância, isto é, a luta pelo direito à diferença;
- organização baseada na não-liderança pensada e planificada, mas antes na rotatividade, nas responsabilidades partilhadas;
- utilização de processos consensuais (e não as “votações” maioritárias) nas tomadas de decisão;
- persistência na irregularidade — mudam os temas, os objectivos, as mulheres, o nome do grupo, mas o grupo em si não se altera substancialmente;

— fragmentação progressiva dos grupos - “hifenização” (Ferreira, F., 1986:204);

— luta por reformas que aparecem sob a forma de campanhas de exigências ao sistema legal, face ao Estado — aborto, contracepção, divórcio (Barrett; 1980:243);

— lutas de âmbito local por questões ecológicas, educativas, na defesa das crianças...

— trabalho importante no âmbito da saúde, na apropriação e produção do conhecimento, quer no desenvolvimento de práticas alternativas — auto-exame, plantas medicinais...

Os grupos de mulheres, tal como os novos movimentos sociais são mais totais e locais³⁰, fugindo à lógica capitalista de fragmentar e espartilhar o real, que dá apenas importância ao progresso indefinido, através de uma especialização e expansão da racionalidade irracional.

Os movimentos de mulheres apresentam também algumas questões:

— o problema das suas “estratégias reformistas” — têm sido criticados por algumas feministas marxistas por não conduzirem ao estabelecimento de estruturas de poder alternativas (Barrett, op. cit. :243);

— a ênfase nas formas de estar, quer organizativas quer de luta, parecem resvalar para um pressuposto de que as mulheres têm de facto as características da feminilidade — hiper-afectividade, hiper-emotividade, indisciplina organizativa;

— a relevância dada à reflexão sobre si próprias pode impedir uma direcção no sentido da mudança.

Não sabemos ainda até que ponto estas questões podem, no futuro, vir a ser o princípio de um caminho de construção de novas lógicas.

De que forma isso pode constituir uma via para o que temos vindo a chamar “hegemonia alternativa”, só a história o poderá dizer.

5.1. Tempo para nós, mulheres

Reportando-se ao nosso conceito de educação como um processo de aquisições permanentes, começamos por conceptualizar o grupo de mulheres também como um importante espaço educativo não-formal³¹.

30. Santos, B. S. (1989:46) Ver ainda do mesmo autor “Os direitos Humanos na Pós-Modernidade” em *Jornal de Letras* de 24/4/89.

31. Ver nota 16. *La Belle faz uma resenha de várias experiências de educação não-formal que foram absorvidas pelo sistema e mesmo lançadas com a perspectiva de integrar os indivíduos, sendo manipuladas pelos seus financiadores, experiências inseridas dentro de uma perspectiva do “capital humano”, o que levou à não aceitação do termo. Ele considera contudo, que o conceito engloba uma certa variedade de esforços, como a “tomada de consciência” e a “educação popular”. Segundo ele, é também capaz de “incorporar a noção de utilização do conhecimento e acção social”* (ib:169).

Na sua perspectiva, a tomada de consciência de Paulo Freire é uma pedagogia para compreender a realidade, agindo a um nível da psique individual. É um investimento a longo prazo. Não

O grupo de mulheres de Lourosa nasceu da necessidade daquelas mulheres construírem um espaço par si próprias, de discussão dos seus problemas para descobrirem formas alternativas à sua posição como mulheres:

“Foi nessa intenção, criar um espaço só para a mulher, para ela poder abrir-se assim de tudo. Porque nos outros grupos, onde há homens e mulheres, eu não posso falar à vontade, já não estou assim tão à vontade. Aí os homens tomam muito mais a palavra do que as mulheres”. (Hivi:31)

“Há mais mulheres que estão no grupo porque acham que devem ter espaço para elas e devem ocupar os tempos livres noutras coisas. Não só em casa mas também fazer algo pelos outros. São felizes, estão ali porque gostam de estar. Também há mulheres, por enquanto são duas, que gostam daquele espaço porque não têm mais nada e aproveitam a reunião para sair de casa. E têm desabafado assim situações entre elas e os homens. E têm filhos já com problemas. Uma dessas mulheres entrou agora para o grupo”. (Hivi:32)

Apesar de não ser expresso, sobressai no discurso daquelas mulheres, nomeadamente no de Maria, o trabalho no âmbito da tomada de consciência da sua realidade, a valorização da sua cultura e a percepção da necessidade dessa consciência para a mudança. Poderíamos então conceptualizar o grupo na definição de La Belle da educação não-formal, mais concretamente nas experiências de educação da tomada de consciência.

Mas, por outro lado, o grupo não tem líder exterior, não concentra a consciencialização apenas no individual, ao mesmo tempo que solicita e utiliza o saber e a cultura “universais”, para melhor compreensão de si próprias e da sua situação. A sua ligação a sectores de saber — medicina, direito... — demonstra que, a par da importância que dão à sua forma de estar, também reconhecem o valor das aquisições científicas e culturais da humanidade.

atinge a mudança estrutural-social. (La Belle, 1980:180).

Segundo Demaine (1981:86-87), Paulo Freire não tem como preocupação, no seu discurso, a sociedade de classes mas o homem e as suas acções. As mudanças sociais dependem da mudança do homem. Daí a necessária humanização e conscientização do homem para sair da alienação para a condição de liberdade. Jogam aqui o papel fundamental os “líderes revolucionários” que contribuem para o diálogo, para a tomada de consciência, para o atingir do homem em pleno.

A nós parece-nos que Paulo Freire tem uma perspectiva antropológica da cultura, no sentido em que está preocupado com o revigoramento, o reforço, o “dar corpo” à cultura dos grupos sociais oprimidos que, na sua perspectiva, têm uma cultura igualmente valiosa mas que necessita de instrumentos para ser trabalhada e confrontada na luta com os opressores. Daí a relevância que Freire dá ao “educador revolucionário” que, através de uma atitude pedagógica, abandonando a sua própria cultura, fornece instrumentos e técnicas e aprende com a cultura dos grupos onde intervém.

5.2. Intelectuais orgânicas

São um grupo de mulheres trabalhadoras, quer na fábrica, quer domésticas — estas reconhecidas também como trabalhadoras, embora em condições específicas de isolamento, trabalho não-pago e rotineiro. São portanto, intelectuais orgânicas, como diz Gramsci, saídas das fileiras da classe trabalhadora, que tomam a iniciativa de organização e direcção no sentido de criar condições para a mudança. São mulheres com grande consciência de classe, percebendo que há outras que não têm os mesmos objectivos que elas — a filha do patrão, as “meninas bonitas”, a encarregada.

Do ponto de vista organizativo, o grupo trabalha a três níveis:

1) Ao nível interno, discutem todos os aspectos relevantes das suas vidas e planificam acções, quer para o próprio grupo, quer para o exterior;

“As pessoas discutem ali entre elas o que é que a gente há-de debater. (...) primeiro reflectimos no grupo aquilo que vamos fazer. Vêmos em conjunto o que é que vamos fazer.” (Hivi:33)

2) Ao nível das mulheres em geral, por um lado recolhem informação sobre as mulheres — inquéritos, interesse pelas entrevistas, — por outro, organizam acções, quer de discussão alargada de assuntos mais específicos das mulheres (sexualidade, violência contra as mulheres, contracepção, saúde, ...), quer espaços de práticas alternativas (como consultas de medicina, sobre divórcio, a ginástica para as mulheres, etc...):

“Há reflexões que a gente faz que pensamos: “bem isto aqui não deve ficar só para nós, há que alargar a outras mulheres”. Então alargamos. São temas assim sobre a saúde e as consultas. É bom para as mulheres porque no final tinham que aprender a auto-examinar-se”. (Hivi:32)

3) Ao nível da população em geral, o grupo organiza acções para mulheres e homens: acções de sensibilização e de debate sobre temas mais gerais (cancro, plantas medicinais, poluição química, doenças transmitidas por via sexual, alimentação, educação dos filhos, etc...).

“Depois temos os encontros mais alargados que a gente acha que até é um dever o homem estar presente. Por exemplo, sobre o cancro, um sobre arqueologia, sobre as plantas já fizemos dois, outro sobre a educação dos filhos, alargado também. Há coisas que a gente vê que tanto o homem como a mulher têm responsabilidade os dois. Eu acho que a sociedade se faz com os homens e as mulheres... A gente tem assim coisas para os dois.” (Hivi:32-33)

Este esquema organizativo é, para nós, um indicador de que o grupo não está apenas interessado na consciencialização dos seus membros mas está consciente da necessidade de abarcar todas as mulheres e também para a população da zona, alargando-se até à solidariedade nacional e internacional com grupos e povos oprimidos.

5.3. Intervenção total e local

Este grupo de mulheres de Lourosa apresenta algumas características em comum com a maioria dos grupos de mulheres tais como: a autonomia em relação aos partidos, as questões que abordam, a recusa de qualquer forma de institucionalização, liderança rotativa e repartida, persistência na irregularidade, a relação entre o particular e o geral, o público e o privado.

“O nosso grupo... Em cada grupo há sempre um mais responsável, então, neste momento sou eu que estou a agarrar mais o grupo. Então peço a uma pessoa para combinar comigo melhor as reuniões. Eu não sou assim muito criativa... Vou a casa dela e combinamos o que é que a gente há-de discutir na reunião. Então apresentamos. A malta aceita ou não. Se aceita então a gente começa a falar. Se não aceitar vamos ver outras formas. Quando a gente faz assim um encontro mais alargado, para mulheres ou assim para a população” (Hivi:33).

Mas possui também características que o diferenciam: a malha que tecem com a comunidade local; a relação com outros grupos sociais da zona, os grupos de oração, a ‘comunidade’; parte destas mulheres são activistas sindicais da indústria corticeira, sem no entanto quererem ser delegadas sindicais, por um lado porque, segundo elas, isso implicaria alguma disponibilidade para saídas para o exterior, e por outro, para não serem alvos isolados das represálias dos patrões.

“Essas coisas para a população só se fazem no grupo de mulheres. Por isso é que eu gosto mais deste... Embora as mulheres que estão neste grupo também estejam noutros grupos: — o grupo de oração grande que é, não só de oração mas está dividido em muitos “ministérios”, por exemplo, revisão de vida, intervenção no meio, oração e convívio; — o grupo mais ou menos comparado ao da oração mas mais pequeno — foi um espaço que nós vimos e apreciamos de criar para estar mais activas no meio do trabalho e a nível da freguesia; — o grupo de ginástica que é só de mulheres que foi um grupo de holandesas que aqui esteve com a Anabela, deixaram-nos as cassettes e as folhas de ioga. Agora há

2 responsáveis pela ginástica. Sou eu e a Teresa, quando eu não vou, vai a Teresa.” (Hivi:33)

A avaliação é um aspecto importante da organização do seu trabalho, em que elas vão aferindo se as suas acções tem sido correctamente pensadas para aquela população:

“Eu tenho o cuidado de, quando se faz algum encontro, perguntar o que elas acham, qual o proveito que tiveram e se realmente ajudou. Aliás é nos inquiritos que elas dizem certas coisas.” (Hivi:32)

A globalidade da sua intervenção situa-se desde um carácter evidentemente mais político, outro mais pessoal e mais reflexivo, outro ainda tendo em conta o aspecto afectivo e emocional, o convívio entre si:

“(…) o convívio que há entre as mulheres. A gente faz ginástica e no fim estamos lá todas sentadas ou deitadas a conversar, estamos assim tempos! Acho que é muito bom.” (Hivi:33)

5.4. Desestruturação dos estereótipos

O grupo de mulheres é também um espaço educativo no que diz respeito ao “descondicionamento” dos estereótipos de género. Neste âmbito, repensam as suas atitudes, sentimentos e papéis face à sexualidade, ao corpo, ao lazer, à família, ao trabalho doméstico, ao trabalho na fábrica, aos vizinhos, ao meio...

“Mas eu prefiro sair de casa do que perder tempo aa limpar a pele porque ao mesmo tempo estou a valorizar-me.” (Hivi:32)

É significativo que nesta “caminhada” de aprender com a própria experiência e outros saberes já existentes, elas estejam neste momento a discutir a questão da educação e, dentro deste tema, as questões do sexismo. De alguma forma percebem que, pela educação, também se pode “intervir na realidade”.

Estão preocupadas com a procura de melhor relacionamento com os/as filhos/as, com a escola e com os maridos, etc... Preocupa-as também a prostituição na zona, o consumo desenfreado, o trabalho de menores, a droga, a violência no trabalho, que sentem aumentar na população juvenil e adolescente da zona. Este seu interesse parece-nos ser no sentido de compreender os mecanismos que levam os jovens a tais situações e encontrar propostas alternativas que não passam pela transmissão normativa dos valores tradicionais.

5.5. O grupo de mulheres como motor de transformação

“Mas para tudo é preciso fazer problema. Porque, se a gente quer uma coisa, mesmo que traga problemas, a gente tem que os aceitar, ou então não mete pés a caminho”. (Hivi:18)

Na história de Maria podemos constatar que a sua vida é atravessada por muitos momentos de luta onde ela, com as(os) outras(os), vão estruturando as suas novas identidades. Não apenas lutas pela desestruturação, lutas pela negativa, mas em direcção a mudanças concretas e reais no seu quotidiano:

“Mas nós temos tido alguns problemas com o presidente. Quando começamos o trabalho de saúde, ele quis mesmo levar as médicas ao Centro de Saúde para ver se elas estavam oficiais. Depois quiseram-nos tirar a chave mais do que uma vez e eu tive que bater o pé.

Ele dizia assim:

— A mania das mulheres dizerem que mandam aqui!” (Hivi:34)

— com a opinião pública (ver Hivi:18);

— com os maridos

“Aqui já há homens que ajudam mas há outros que são umas bestas, como assim se pode dizer”. (Hivi:20)

“(…) os meus (problemas) são derivados de eu sair de casa, porque as minhas actividades são todas à noite. Ele começa a dizer: — Fica aqui o maricas o olhar pelo filho e tu lá vais... E depois as pessoas sabem e ainda começam a chamar nomes”. (Hivi:20)

— com o pai (ver Hivi:18)

— com a mãe (ver Hivi:18)

O grupo abarca algumas, ainda que limitadas, alterações às suas “condições materiais de existência”:

— o corpo é alvo da sua atenção na procura de espaços que contribuam para o seu bem-estar, conforto e saúde — a ginástica, as consultas, ...

— partilha do trabalho doméstico com os maridos;

“Mas eu tenho o Quim, o meu homem, que me ajuda bastante no trabalho de casa e isso é que me ajuda, senão como é que podia? (...) está o trabalho repartido entre os dois”. (Hivi:20)

— acerto e colaboração com outras instituições locais — a autarquia, a Lourocoop, ... — no sentido quer de evitar a confrontação quer de fomentar iniciativas que beneficiem a população em geral: 3.ª idade, médico...

— mudança da opinião pública sobre elas e sobre as suas actividades;

— colaboração com o sindicato na luta pela aplicação dos direitos legais das trabalhadoras no local de trabalho.

5.6. Produção cultural no grupo de mulheres

O grupo de mulheres representa a possibilidade de “ensaiair” outras atitudes, de estruturar outras identidades. Aqui tem um papel fundamental o espaço deixado à produção cultural³² como um processo de construção de novas identidades culturais, alargando, a partir daí, a discussão do interior do grupo até esferas mais alargadas, criando novas solidariedades, levando o debate para o espaço público:

“Nós temos um sketch que foi a Fátima que fez lá no Brasil e que gostávamos de o apresentar aqui às outras mulheres. São retalhos da vida de uma família e mete um bocado a escola, a mulher em casa, a mulher no trabalho, depois chega a casa com uma circular mas o pai diz logo que são coisas para a mãe. Que a mulher ganha menos e portanto que o prejuízo é menor. É engraçado! E estávamos a pensar assim fazer esse sketch e depois haveria um debate e um convívio.

Eu também já falei no grupo de mulheres que, se houvesse um filme sobre a sexualidade da criança, passávamos o filme e depois fazíamos um debate. Porque, principalmente as mães, vivem muito preocupadas com as perguntas que os filhos lhes fazem sobre a sexualidade. E há mães que têm problemas com os filhos. Tínhamos pensado também convidar as crianças. Então os miúdos podiam ver e ter a possibilidade de fazer perguntas. Eu já pus essa questão duas vezes no grupo. E elas:

— Onde é que nós vamos arranjar esse material?

Eu acho que não é difícil arranjar ou mesmo até fotografias de bebés, não sei. Aqui há tempos esteve aqui um professor a falar sobre sexualidade infantil e há coisas que ele disse que os pais desconhecem.” (Hivi:34-35)

Por tudo isto nos parece que o grupo de mulheres, enquanto grupo de pares organizado, é o espaço privilegiado naquilo que nós temos vindo a chamar “hegemonia alternativa”, isto é, um esforço pela construção de uma sociedade onde a diversidade e o pluralismo cultural, assim como o direito à diferença, possam vir a introduzir novas lógicas na dinâmica social.

32. *Veja-se, por exemplo, Willis, P.*

V. ALGUMAS CONCLUSÕES

Esta História de Vida representa, em nossa opinião, um exemplo relevante das possibilidades de mudança do peso dos determinismos que, na nossa sociedade, envolvem a construção social da identidade de género.

Constatamos que a construção da identidade de género sofre bastantes pressões e constrangimentos sociais — especialmente na escola, na família e no local de trabalho — e que as mulheres trabalhadoras, duplamente exploradas e oprimidas pelas relações de dominação patriarcal e pelas relações sociais de produção capitalista, são empurradas para o estereótipo da feminilidade.

Mas Maria, com as suas colegas de trabalho, vêem a sua situação ainda mais agravada pelas características do capitalismo da zona, que consideramos semi-periférico. A forma como a ideologia e as relações de dominação patriarcal são aproveitadas para a exploração intensiva da força de trabalho — que é visível na discriminação de género, na divisão sexual de trabalho, etc... — é aqui concebida uma interrelação entre o local de trabalho, a escola formal e a família. Esta ideologia patriarcal está sobretudo presente na família, que assenta no trabalho doméstico não pago da mulher, sendo o lugar privilegiado da aprendizagem dos papéis diferenciados segundo o género pela forma como à mulher ainda são designados os principais papéis de esposas e mães.

É também pelo lugar que a mulher ocupa na reprodução que os homens em geral e o capitalismo em particular continuam a beneficiar, explorar e oprimir as mulheres, concretamente as da classe trabalhadora.

Por tudo isto consideramos que a educação constitui uma forma de transmissão da diferenciação de género através dos diferentes processos educativos nos diferentes espaços considerados.

Todavia pudemos também constatar a existência de espaços de destruturação / reestruturação da identidade de género — grupos de pares e grupo de mulheres — onde relações mútuas entre as suas iguais consolidam a estratégia para o alargamento das suas margens de liberdade no sentido da mudança.

Enfatizámos, assim, em todo o trabalho, as questões de resistência e de mudança que, apesar de considerarmos limitadas e circunscritas à proble-

mática em estudo através do discurso de Maria, quisemos realçar pela exemplaridade e singularidade da experiência desta mulher. São pequenas mudanças, mas que têm para nós e para ela(s) um grande significado.

Esta mulher, elemento do grupo de mulheres de Lourosa, que conceptualizamos como intelectual orgânica pela sua consciência de classe e como mulher, pela sua posição na produção e na capacidade organizativa e de tomar iniciativas, entregou-nos a sua história de vida para com ela aumentarmos aquele grau de "pequena mudança".

É o grupo de mulheres que constitui o principal motor de mudança, sendo um espaço onde constroem e produzem novas maneiras de viver a relação com o corpo, de encarar a sexualidade, de pensar a relação no seio da família, no local de trabalho e noutros espaços sociais (comunidade, escola dos filhos, cooperativa, solidariedade internacional, etc.). É através desta produção cultural em direcção à mudança que poderemos falar de uma "hegemonia alternativa".

VI. BIBLIOGRAFIA

- ALTHUSSER, Louis, (1974), *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*, Editorial Presença: Lisboa
- ARONOWITZ, Stanley e GIROUX, Henry, (1983), *Educação Radical e Intelectuais Transformadores*, no prelo a trad. port.
- ARAÚJO, Helena, (1988), "Procurando as Lutas Escondidas Através das Histórias de Vida", Comunicação na *Workshop*, "Histórias de Vida e Consulta Psicológica", na I Conferência Internacional de Consulta Psicológica: Porto
- ARAÚJO, Helena, (1985), "Estudos acerca das Raparigas na Escola Portuguesa: Que Interesse?", in *Artemísia* n.º 2 - Out.: Porto
- ARAÚJO, Helena, (1985), "Profissionalismo e Ensino", in *Cadernos de Ciências Sociais* n.º 3 - Jun.: Porto
- BARRETT, Michèle, (1980), *Woman's Oppression Today*, British Library: London
- BECKER, Howard, (1967), "Whose side are we on?", in *The Other Side. Perspectives on Deviance*, Free Press: New York
- BEECHEY, Veronica, (1977), "Women and Production: a Critical Analysis of Some Sociological Theories of Women's Work", in KUHN, Annette e WOLPE, AnnMarie, (1978), *Feminism and Materialism*, Routledge and Kegan Paul, Ltd.: London
- BOURDIEU, P., (1977), "O Poder Simbólico", in GRÁCIO, Sérgio e STOER, Stephen, *Sociologia da Educação II*, Livros Horizonte: Lisboa
- BOURDIEU, Pierre, "Reprodução Cultural e Reprodução Social", in GRÁCIO, Sérgio; MIRANDA, S. e STOER, S., (1982), *Sociologia da Educação I*, Livros Horizonte: Lisboa
- BOWLES, S. e GINTIS, H., (1976), "Educational and Personal Development: The Long Shadow of Work", in *Schooling in Capitalist America*, Routledge and Kegan Paul, Ltd.: London
- BUCI-GLUCKSMANN, Christine, (1980), *Gramsci and the State*, The Camelot Press, Ltd.: London
- COMISSÃO DA CONDIÇÃO FEMININA, (1989), *Assédio Sexual no Local de Trabalho*, etc, Comissão da Condição Feminina: Lisboa
- CORREIA, José Alberto, (1989), "A Mudança e Inovação nos Sistemas Educativos", não publicado, texto de base utilizado num debate promovido pela Associação de Professores de Trabalhos Manuais, a ser publicado na Revista dessa Associação e na Revista *Aprender* da ESE de Portalegre
- CORTESÃO, Luisa, (1982), *Escola, Sociedade, Que Relação?*, Afrontamento: Porto
- CROZIER, Michel e FRIEDBERG, Erhard, (1977), *L' Acteur et le Système*, Seuil: Paris
- DEEM, Rosemary, (1978), *Women and Schooling*, Routledge Education Books: London

DEMAINE, Jack, (1981), *Contemporary Theories in the Sociology of Education*, The Macmillan Press, Ltd.: Hong-Kong

DOMINGOS, Ana Maria, et al. (1986), *A teoria de Bernstein em Sociologia da Educação*, Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa

ENGELS, Friederich, (1972), *A origem da Família, da Propriedade e do Estado*, (1976), Editorial Presença: Lisboa

ENTWISTLE, Harold, (1979), *Antonio Gramsci*, Routledge and Kegan Paul, Ltd.: London

FERRAROTI, Franco, (1983), *Histoire et Histoires de Vie*, Librairie des Méridiens: Paris

FERREIRA, Virgínia, (1987), "Ciência e Feminismo - Um namoro condenado?", in *Cadernos da Comissão da Condição Feminina: A Mulher e o Ensino Superior, a Investigação Científica e as Novas Tecnologias em Portugal*; Lisboa.

GRAMSCI, Antonio, (1971), *Prison Notebooks*, The Camelot Press, Ltd.: London

HAGUETTE, Teresa, (1987), *Metodologias Qualitativas na Sociologia*, Petrópolis Vozes

JOHNSON, Richard, (1981), "Really Useful Knowledge: Radical Education and Working Class Culture, 1790-1848", in *Education and The State*, Vol II: *Politics, Patriarchy and Practice*, Org. DALE, Roger, et. al., Barcombe: Falmer Press/O.U.Press

JOAQUIM, Teresa, (1983), *Dar à Luz*, Publicações D. Quixote: Lisboa

LEAL, Ivone, (1982), *O Masculino e o Feminino em Literatura Infantil*, Comissão da Condição Feminina: Lisboa

LEAL, Ivone, (1979), *A Imagem da Mulher nos Manuais Escolares*, Comissão da Condição Feminina: Lisboa

LA BELLE, Thomas J., (1986), *Non Formal Education in Latin America an Caribbean. Stability, Reform or Revolution?*, Praeger: New York

MACDONALD, Madeleine, et. al., (1981), "Class Gender and Education", in *E353 Society, Education and The State*, The Open University Press

MAHLER, Fred, (1980), "Un Modèle Global de Developpment Théorique de la Sociologie de L' Education", in *Revue Int. Sciences Sociales* n.º 104, pp 193-204

MEAD, Margaret, (1963), *Moeurs et Sexualité en Océanie*, Librairie Plon: Paris

MEILLASSOUX, Claude, (1975), *Femmes, Greniers et Capitaux*, Maspero: Paris

MIALARET, Gaston, (1976), *As Ciências da Educação*, (1980), Morais Editores: Lisboa

MÓNICA, Maria Filomena, (1978), *Educação e Sociedade no Portugal de Salazar*, Editorial Presença e GIS: Lisboa.

NUNES, A. Sedas, (1987), *Questões Preliminares Sobre as Ciências Sociais*, Editorial Presença: Lisboa

POIRIER, et al., (1983), *Les Récits de Vie*, Presses Universitaires de France: Paris

POSTIC, Marcel, (1984), *A Relação Pedagógica*, Coimbra Editora Lda.: Coimbra

PURCELL, Kate, (1978), "Militancy and Acquiescence Amongst Women Workers", in BURMAN, S., *Fit Work for Women*, Australian National University

REED, Evelyn, (1969), *Problems of Women's Liberation*, Pathfinder Press

REIS, M. L., (1984), "A Evolução das Estruturas Familiares em Portugal", *Estudos e Documentos ICS* n.º 11: Lisboa

ROMÃO, Isabel, (1989), *Distorções Sexistas nos Materiais Pedagógicos: Como Identificá-los e Como Evitá-los*, Comissão da Condição Feminina: Lisboa

ROMÃO, Isabel, (1978), "Situação das Mulheres Portuguesas Perante a Educação", in *Cadernos da Condição Feminina* n.º 7: Lisboa.

ROWBOTHAM, Sheila, (1973), *Hidden From History*, Pluto Press: London

SANTOS, Boaventura Sousa, (1987), *Um discurso sobre as Ciências*, Afrontamento: Porto

SHARPE, Sue, (1976), *Just Like a Girl*, Penguin Books, Ltd.: London

SILVA, Augusto dos Santos, (1988), *Entre a Razão e o Sentido*, Afrontamento: Porto

SILVA, A. S. e PINTO, J. M., (1986), *Metodologias das Ciências Sociais*, Afrontamento: Porto

SOUSA, Antónia, (1971), *O Mercado de Trabalho e a Mulher*, Arcádia: Lisboa

STOER, S. e STOLEROFF, A., (1988), *Educação, Trabalho, Estado: Questões Preliminares Sobre a Introdução das Novas Tecnologias em Portugal*: Porto

STOER, Stephen R., (1986), *Educação e Mudança Social em Portugal 1970-1980, Uma Década de Transição*, Afrontamento: Porto

WILLIS, George, et. al., (1978), *Qualitative Evaluation*, McCutchan Publishing Corporation, USA

WOLPE, Anne Marie, (1978), "Education and the Sexual Division of Labour", in KUHN, Annette e WOLPE, Anne Marie, *Feminism and Materialism*, Routledge and Kegan Paul, Ltd.

WOODS, Peter, (1977), *The Ethnography of School*, The Open University